

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ANNA CAROLYNA MELO FERRER COSTA

**A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS –
UM ESTUDO ATRAVÉS DO TEXTO**

**Curitiba-PR
2013**

ANNA CAROLYNA MELO FERRER COSTA

**A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS –
UM ESTUDO ATRAVÉS DO TEXTO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-graduação em Letras, da área de Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Orientadora: Prof. Dra. Claudia Mendes Campos

**Curitiba- PR
2013**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

PARECER

Defesa de dissertação da mestranda ANNA CAROLYNA MELO FERRER COSTA para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados CLAUDIA MENDES CAMPOS, CLORIS PORTO TORQUATO e BRUNO DALLARI arguiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

"A teoria dos blocos semânticos - Um estudo através do texto"

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
CLAUDIA MENDES CAMPOS		Aprovada
CLORIS PORTO TORQUATO		Aprovada
BRUNO DALLARI		APROVADA

Curitiba, 30 de abril de 2013

Prof.ª Dr.ª Teresa Cristina Wachowicz
 Coordenadora

*Aos meus amores
Junior e Bia*

AGRADECIMENTOS

À professora Cláudia Mendes Campos, pela dedicação com que leu meu trabalho, orientou-me e me incentivou a trilhar o caminho da pesquisa.

Aos professores Bruno Dallari e Iara Bemquerer Costa pelas contribuições feitas no momento da Qualificação, possibilitando um novo olhar sobre este trabalho.

A minha mãe, pelos ensinamentos, pelo incentivo permanente, pela confiança plena no meu sucesso, por tudo que sou.

Ao Junior, companheiro de todos os momentos e apoio essencial. Mais que marido, é meu amigo, meu parceiro, meu professor, meu advogado, meu amor.

A minha pequena Bia, que mesmo sem entender, fez parte de todo esse processo.

A minha tia Nazaré, exemplo de comprometimento com a educação e incentivadora fundamental na minha carreira.

A minha família: meu pai José Carlos, minha vó Nair, meus primos do coração, Erivelto e Helder, que estão sempre comigo, mesmo à distância.

A todos os amigos que me ouviram falar durante os últimos três anos sobre o Mestrado, oferecendo-me ouvidos atentos e conversas alegres.

À coordenação, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR.

A CAPES, pela bolsa de estudos concedida que possibilitou o prosseguimento de meus estudos e o desenvolvimento deste trabalho.

*Deus dá a todos uma estrela.
Uns fazem da estrela um sol.
Outros nem conseguem vê-la.*

(Dom. Helena Kolody)

RESUMO

Este trabalho toma a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) – terceira versão da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot – como modelo teórico para a descrição da produção de sentidos em textos extraídos de revistas, jornais de circulação nacional e sites da internet, no intuito de investigar a construção de sentidos em textos de diferentes naturezas . O modelo teórico escolhido tem suas bases no estruturalismo linguístico pretende descrever o sentido das entidades linguísticas, tais como vocábulos, expressões e enunciados, a partir de encadeamentos argumentativos evocados pelas próprias entidades. Entende-se aqui que os textos, também, são entidades linguísticas, as quais podem evocar encadeamentos argumentativos analisados à luz da TBS, como já apontaram os trabalhos de Andersen (2006), Ortmann (2010) e Graeff (2011). O ponto central deste trabalho diz respeito à análise de textos de diferentes naturezas . Por sustentar que as descrições de sentido não devem ser pautadas por orientações externas à língua, como ideias, pensamentos e crenças, a TBS torna-se radical na crítica àquilo que lhe antecedeu na TAL. Torna-se foco, desta pesquisa, então, discutir a possibilidade de analisar textos sob a perspectiva da TBS. Nesse sentido, buscar-se-á investigar se os sentidos construídos a partir dos textos podem ser descritos por encadeamentos argumentativos, bem como se as análises se estendem a diferentes de textos.

PALAVRAS-CHAVE: Blocos Semânticos. Sentido.Texto.

ABSTRACT

This work takes the Semantic Theory of Blocks (TBS) – third version of Argumentation Theory in Language (TAL), by Oswald Ducrot – as a theoretical model to describe the production of meaning in texts taken from magazines, national newspapers and websites the internet, in order to investigate the construction of meaning in texts . The theoretical model chosen has its foundations in structuralist language intended to describe the meaning of linguistic entities such as words, expressions and statements, from argumentative threads evoked by the entities themselves. It is understood here that the texts also are linguistic entities, which can evoke threads argumentative analyzed in the light of TBS, as already pointed out the work of Andersen (2006), Ortmann (2010) and Graeff (2011). The central point of this work relates to the analysis of different texts . By maintaining that the descriptions of meaning should not be guided by external instructions to the language, such as ideas, thoughts and beliefs, TBS becomes radical in criticizing what preceded him in TAL. Become focus of this research, then discuss the possibility of analyzing texts from the perspective of TBS. In this sense, it will seek to investigate whether the meanings constructed from texts can be described by threads argumentative, and if tests are extended to different texts.

KEYWORDS: Semantic Blocks. Sense. Text.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Blocos Semânticos	33
Quadro 2 – Quadrado argumentativo	35
Quadro 3 – Quadrado argumentativo do BS1	36
Quadro 4 – Quadrado argumentativo do BS2	36
Quadro 5 – Quadrado Argumentativo das relações entre <i>perigo</i> e <i>precaução</i>	37
Quadro 6 – Quadrado Argumentativo das relações entre <i>hit na internet</i> e <i>assunto sério</i>	56
Quadro 7 – Quadrado Argumentativo das relações entre <i>hit</i> e <i>idiotice</i>	57
Quadro 8 – Quadrado Argumentativo das relações entre <i>silêncio</i> e <i>oportunismo</i>	61
Quadro 9 – Quadrado Argumentativo das relações entre <i>assinatura</i> e <i>clareza</i>	63
Quadro 10 – Quadrado argumentativo das relações entre <i>oportunismo</i> e <i>legaliza o aborto</i>	64
Quadro 11 – Quadrado argumentativo das relações entre <i>amar</i> e <i>detestar</i>	68
Quadro 12 – Quadrado argumentativo das relações entre <i>machista</i> e <i>agradar</i>	73

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

TAL – Teoria da Argumentação na Língua

TBS – Teoria dos Blocos Semânticos

PT – Portanto

NE – No entanto

Neg – Negação

AI – Argumentação Interna

AE – Argumentação Externa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA	15
1.1 O Estruturalismo Linguístico	15
1.2 A Teoria da Enunciação	18
1.3 A Teoria da Argumentação na Língua	22
CAPÍTULO 2 – A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS	26
2.1 Os encadeamentos argumentativos	27
2.2 A interdependência semântica	29
2.3 O quadrado argumentativo e as relações discursivas	34
2.4 A argumentação externa e a argumentação interna	38
CAPÍTULO 3 – A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS E O TEXTO	40
3.1 A relação entre a Teoria dos Blocos Semânticos e o texto	40
3.1.1 Interpretação de fábulas e parábolas	40
3.1.2 Estudo argumentativo da narrativa	42
3.1.3 Leitura argumentativa e polifônica de texto de humor	46
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA E ANÁLISE DE TEXTOS	51
4.1 Crônica	53
4.2 Manifesto	59
4.3 Carta de amor	66
4.4 Comentário	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	79
ANEXO 1 – “Menos Luiza” é uma idiotice ?	83
ANEXO 2 – Nota do Movimento Nacional de Defesa pela Vida	84
ANEXO 3 – 5 cartas de amor escritas por personagens históricos	85
ANEXO 4 – Você não precisa de lingerie pra ser capaz de nada	90

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se apresenta surgiu do interesse em investigar a construção dos sentidos em textos argumentativos, levando-se em conta a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, segundo a qual a argumentação se faz presente na própria língua, e desenvolvida, atualmente por Marion Carel sob a nomenclatura de Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Logo, este trabalho tem por objetivo discutir a possibilidade de fazer análise de texto sob a perspectiva da TBS.

A afirmação de que a argumentação está na língua parte da consideração de que é na língua que se constituem as relações argumentativas. Contudo, a concepção de argumentação que sustenta a teoria de Ducrot e Anscombre não consiste em um conceito tradicional ou usual. Trata-se de argumentação linguística, a qual se distancia da argumentação retórica.

Segundo entendimento de Ducrot (2009: 20), a argumentação retórica consiste em uma atividade verbal que visa fazer alguém crer em alguma coisa. Logo, persiste neste entendimento a ideia da justificação, na qual um argumento justifica uma conclusão.

Sob outro prisma, a argumentação linguística concebe que os segmentos discursivos são constituídos por encadeamentos argumentativos, os quais relacionam duas proposições, A e C, sendo A um argumento e C uma conclusão. Essa relação se estabelece por meio de um conector, de forma explícita ou implícita.

A construção do encadeamento argumentativo é caracterizada pela interdependência entre os segmentos. A e C não representam segmentos com sentidos isolados. Elas constituem um sentido único, dado na interrelação, por meio de um conector.

Marion Carel (2005), a qual se dedicou, juntamente com Ducrot, a dar sequência aos estudos da Teoria da Argumentação na Língua, afirma que o encadeamento argumentativo é “*qualquer sequência de dois segmentos que são, de certo modo, dependentes*” (CAREL, 2005: 80). Tal afirmação reforça a ideia de interdependência semântica entre os segmentos do encadeamento argumentativo.

Retomando o entendimento de Ducrot (2009: 21), a definição de argumentação a partir de encadeamentos argumentativos “*pode ser estendida aos encadeamentos que ligam, não duas proposições sintáticas, mas duas sequências de proposições, por exemplo, dois parágrafos de um artigo*”.

Ao levar em conta esta reflexão de Ducrot acerca da dimensão em que os encadeamentos argumentativos podem se dar, este trabalho se dedicará à descrição e análise de textos argumentativos, a partir da orientação teórica da terceira versão da Teoria da Argumentação na Língua, ou seja, a Teoria dos Blocos Semânticos – TBS.

A Teoria dos Blocos Semânticos se insere no campo do estruturalismo linguístico e, de acordo com Ducrot (2005: 13), é uma crítica aos estudos anteriores desenvolvidos pela TAL os quais se sustentaram em princípios de ordem não linguística.

Deve-se dizer que a Teoria dos Blocos Semânticos tem como objeto de estudo o enunciado e dentre os objetivos desta está o de descrever o sentido de entidades linguísticas, sejam elas palavras, enunciados ou expressões, segundo definição de Ducrot e Carel (2005).

Nessa tentativa de afirmar-se como teoria estritamente linguística, a teoria desenvolvida por Marion Carel, abandona a concepção anterior da TAL – os *topoi* argumentativos, à medida que entende que a teoria dos *topoi* sustenta sua concepção para a construção de sentido em elementos externos à língua. Deve-se lembrar que a teoria dos *topoi* consiste em conceber que todo enunciado (e) é argumentativo quando um argumento (p) justifica uma conclusão (q). A orientação que ocorre do argumento à conclusão é chamado *topos*.

Mesmo divergindo em alguns pontos da teoria dos *topoi*, a TBS não se distancia do foco principal da TAL – a argumentação. Ao contrário, reforça ainda mais a noção de que a argumentação está na língua. Isto se evidencia com precisão na produção de sentidos, por meio de encadeamentos argumentativos evocados pelas entidades linguísticas analisadas.

A descrição proposta por Marion Carel e Oswald Ducrot prevê, com propriedade, a descrição do léxico. Não obstante, sustentam que os encadeamentos argumentativos podem ser evocados por outras entidades linguísticas, sejam eles enunciados ou expressões. Nesse sentido, entende-se que o texto pode ser alvo também dessa descrição, à medida que este é entendido como uma entidade linguística. Parte-se também do princípio de que os sentidos construídos no texto se relacionam, a fim de construir um sentido único.

Alguns trabalhos já se dedicaram à investigação da descrição de sentidos construídos no texto, à luz da Teoria dos Blocos Semânticos. Dentre alguns desses trabalhos, tem-se a investigação de Elenice Maria Andersen (2006), propondo uma pesquisa a partir da descrição de sentido de fábulas e parábolas.

Mais recentemente, destacam-se dois trabalhos – o de Paula Ortmann (2010) e o de Telisa Graeff (2011). A primeira autora dedicou-se à investigação do caráter argumentativo de textos narrativos, em sua dissertação de mestrado, enquanto a segunda fez uma descrição argumentativa e polifônica de textos.

Tendo em vista que os trabalhos citados, em sua maioria, dedicaram-se à descrição de textos narrativos, a escolha de textos de diferentes naturezas diversos como *corpus* dessa pesquisa visa também ampliar os estudos acerca da relação entre construção de sentidos em textos e a Teoria dos Blocos Semânticos.

Logo, esta pesquisa intenciona responder os seguintes questionamentos: i) A Teoria dos Blocos Semânticos é um modelo teórico eficaz para a descrição de textos, assim como é para enunciados, expressões e palavras? ii) O que a Teoria dos Blocos Semânticos tem a dizer sobre a construção do sentido em textos? iii) A Teoria dos Blocos Semânticos pode descrever o sentido de vários e diferentes textos?

Estas perguntas darão sustentação para o alcance do objetivo principal deste trabalho: verificar se a Teoria dos Blocos Semânticos permite incluir dentre as entidades linguísticas a que se predispõe a descrever, a categoria do texto.

Nesse intuito, o primeiro capítulo dará ênfase ao aprofundamento acerca da Teoria da Argumentação na Língua e seus alicerces teóricos. Em seguida, no segundo capítulo será apresentada a fase atual da TAL – a Teoria dos Blocos Semânticos, destacando o modelo de análise proposto por Marion Carel e Oswald Ducrot, para a construção de sentidos das entidades linguísticas.

Atrelado aos estudos que dão base à Semântica Argumentativa, no terceiro capítulo serão apresentados trabalhos que já trataram da relação entre a Teoria dos Blocos Semânticos e análise de texto. Nesta perspectiva, serão apresentadas e descritas as pesquisas de Andersen (2006), Ortmann (2010) e Graeff (2011).

O quarto capítulo, levando em conta os apontamentos feitos acerca da Teoria dos Blocos Semânticos e texto, será dedicado à apresentação da Metodologia de análise de textos e à análise dos textos escolhidos para compor o *corpus* deste trabalho de pesquisa.

Por fim, o último capítulo dará espaço para as considerações finais provenientes das reflexões acerca da Semântica argumentativa atrelada à análise de textos de variados tipos e gênero

CAPÍTULO 1 – SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

Os estudos da Semântica Argumentativa se entrelaçam aos estudos da enunciação, bem como também tomam como fundamentação os estudos estruturalistas. No que se refere ao Estruturalismo Linguístico, destacam-se os estudos de Ferdinand de Saussure, os quais são apreciados para a construção do que se entende por Teoria da Argumentação na Língua.

Antes de aprofundar os estudos acerca da Teoria da Argumentação na Língua interessa aqui, primeiramente, apresentar as correntes linguísticas que a embasam. A saber, o Estruturalismo Linguístico, desenvolvido por Ferdinand de Saussure, e a Teoria da Enunciação.

1.1 O Estruturalismo Linguístico

Oswald Ducrot (2005) ao iniciar suas considerações acerca da nova fase dos estudos da Teoria da Argumentação na Língua, no livro *La Semantica Argumentativa*, destaca a relação fundamental que tal teoria mantém com os estudos saussureanos, como se observa a partir da seguinte citação: “*Em termos gerais, pode-se afirmar que a TAL é uma aplicação do estruturalismo saussureano à Semântica Linguística, na medida em que para Saussure, o significado de uma expressão reside nas relações dessas expressões com as outras expressões da língua*”.¹ [tradução minha]

O Estruturalismo de Ferdinand de Saussure, descrito na obra *Cours de linguistique general*, consiste em ideias preponderantes para o desenvolvimento da Linguística, principalmente no que se refere à definição de língua e de signo linguístico, bem como à definição do objeto de estudo da Linguística.

Para tanto, Saussure (2000 [1916]) destaca as características tanto da língua, quanto da linguagem, que asseguram a ele a escolha pela língua como objeto da Linguística, destacando no conceito principalmente o caráter social da língua:

Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo

¹ “*En términos generales, puede afirmarse que la TADL es una aplicación del estructuralismo saussuriano a la semántica lingüística en la medida en que, para Saussure, el significado de una expresión reside en las relaciones de esa expresión con otras expresiones de la lengua.*” (Ducrot, 2005, p.11)

corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.
(SAUSSURRE, 1916, p 17)

Quando tratada sob a ótica do Estruturalismo, a linguagem é concebida como algo em constante evolução, como produto social e individual, o que lhe assegura caráter heterogêneo.

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir uma unidade.
(SAUSSURRE, 1916, p 17)

Sendo a linguagem *multiforme e heteróclita*, cujo domínio é tanto individual, como social, Saussure assegura que a linguagem apresenta dois compostos inseparáveis: a língua, sobre a qual já se tinha imputado o caráter social, e a fala, com caráter individual. Logo, não poderia a linguagem ser objeto de estudo da Linguística, tendo em vista a multiplicidade e a mutabilidade que lhe é inerente.

Além de determinar a distinção entre língua e fala e garantir à primeira o status de objeto da Linguística, Saussure salienta que a língua, como produto social, é exterior ao indivíduo e advém de contratos estabelecidos entre os membros da comunidade. Logo, trata-se de um objeto homogêneo, não podendo ninguém criá-lo ou modificá-lo.

Já a fala é um ato individual, o qual depende da vontade do indivíduo em realizá-la, a fim de exprimir um pensamento pessoal, tem caráter acessório e mais ou menos accidental. Nesse tocante, Saussure (1916: 22) estabelece que a fala:

é, ao contrário[da língua – grifo meu], um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações.(SAUSSURE, 1916, p.22)

Sendo a língua um fato social e a fala um ato individual, interessa destacar o tratamento que Saussure dá a esses dois conceitos. Segundo ele, “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria.” (1916: 31), enquanto que a fala “é a soma do que as pessoas dizem, e compreende: a) combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam; b) atos de fonação igualmente voluntários, necessários para a execução dessas combinações.” (1916: 27-28)

Mesmo distintas, língua e fala não são excludentes, já que estão em relação de interdependência. Isso fica claro na observação feita por Saussure (1916: 27), segundo a qual

“a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos, mas esta é necessária para que a língua se estabeleça”.

Entende-se que a dicotomia língua /fala se dá nas relações que estes dois constituintes da linguagem estabelecem. A língua existe, mesmo não havendo a manifestação da fala. Esta, por sua vez, necessita da língua, a fim de se tornar inteligível na comunidade. Contudo, mesmo sendo relativamente independente, a manifestação da língua para a comunidade se dá por meio da fala, como se identifica na citação a seguir:

É a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos lingüísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas. (SAUSSURE, 1916 p 27)

Não obstante, as considerações acerca da língua feitas por Saussure levam em conta que para se entender e conhecer o organismo lingüístico interno é necessário excluir tudo que for exterior à língua, deixando a cargo de outras disciplinas estudar esses aspectos. Estes são de suma importância, mas não devem ser foco do estudo lingüístico.

O estudo da língua, sob a ótica estruturalista, deve estar pautado no sistema. Nesse tocante, Saussure (2000 [1916]) apresenta a noção de signo lingüístico. Este seria uma entidade lingüística, composta por duas partes indissociáveis, que não podem ser compreendidas como uma coisa e uma palavra, e sim como um conceito e uma imagem acústica. No que tange ao conceito, Saussure optou por designá-lo como significado. Já à imagem acústica entendeu por significante.

Acrescenta-se ao conceito de signo o princípio da arbitrariedade. A arbitrariedade do signo implica na aceitação de que a relação que se estabelece entre significado e significante não tem motivações aparentes, tão pouco é ligada a outros conceitos. Destaca-se que o fato de ser arbitrário não dá liberdade ao falante de escolher o significado dos signos, tendo em vista que estes já estão estabelecidos nos respectivos grupos lingüísticos, conforme o entendimento de Saussure que prevê que *“o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.”* (1916: 83)

Interessa aqui acrescentar que Saussure apresenta a noção de língua como um objeto homogêneo e sistemático, logo imutável, mas também considera a mutabilidade capaz de intervir na língua. Tal mutabilidade pode ocorrer em função do tempo, o qual garante a continuidade da língua.

Contudo, mesmo entrando em aparente choque com a questão da imutabilidade, dado que Saussure defende a idéia de que a língua é um sistema de regras próprias, que não permite modificação feita pelos falantes, ele também fala de uma possível alteração. No que diz respeito a isso, ele destaca que “sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um *deslocamento da relação entre significado e significante.*” (1916: 89; ênfase do autor)

Esse deslocamento faz emergir dos estudos estruturalistas a noção de que elementos externos têm influência sobre a língua. Vista não somente sob a ótica de sistema de signos, mas também à luz de um pensamento, segundo o qual a língua é viável, quando existe para sujeitos falantes, “a língua se altera ou, melhor, evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados.” (SAUSSURE, 1916, p 91)

Segundo Saussure (1916: 92), a língua é um conjunto de hábitos linguísticos que permite a uma pessoa compreender e fazer-se compreender. Logo, o conceito de língua está vinculado a uma massa falante. Saussure admite que para que o conceito de língua seja completo é necessário atribuir aos sujeitos falantes a devida importância. Por ser um fato social, a língua existe para que os falantes façam uso dela. Desta forma, ela torna-se viável.

Outras linhas já contribuíram para de reforçar a ideia de que elementos externos agem sobre a língua. A saber, os estudos acerca de uma Pragmática Linguística apontados por Ducrot (1987) dão conta de que a língua pode se analisada a partir de componentes linguísticos, bem com levando em conta componentes retóricos. Ele orienta para o fato de que um enunciado não pode ser analisado exclusivamente pela significação de uma frase, mas sim em consequência de diferentes fatores, tais como ambiente ou situação de enunciação, evidenciando claramente a exterioridade linguística.

1.2 A Teoria da Enunciação

Pensar em enunciação leva a pensar em uma gama de conceitos. Aqui se abordará aqueles que tomam como suporte as ideias apresentadas por Émile Benveniste (1974). Para este, a enunciação é “*essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização*” (BENVENISTE, 1974, p. 80).

Ao falar em enunciação, trata-se da língua em uso ou da produção de um enunciado, ou seja, trata-se de uma língua usada por um enunciador que instaura um interlocutor ao

enunciar. Essa condição reforça o pensamento de Benveniste (1966) acerca dos sujeitos na enunciação. Segundo este “*é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito*”. (1966 : 286)

Benveniste reforça a noção de sujeito, estabelecendo que este só o é, em oposição a outro. Isto implica na aceitação de que a subjetividade é o jogo de relações que se estabelece entre *eu e tu*, na enunciação. Um só existe na linguagem, visto que o outro também existe.

A consciência de si mesmo só é possível experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica uma reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa *eu*. (BENVENISTE, 1966, p.286)

Assim como Saussure que sustentava a dicotomia entre língua e fala, ressaltando as distinções, mas também a relação de complementaridade entre esses dois elementos da linguagem, Benveniste sustenta seu conceito de enunciação também em uma relação dicotômica – a relação entre *forma e sentido*.

Para explicar a relação entre forma e sentido, Benveniste (1966) apresenta um modelo de análise linguística baseado na noção de nível, a fim de estudar a língua. Segundo este modelo, as estruturas ou elementos da língua se unem por meio de operações, designadas como operações de segmentação e operações de substituição.

No que se refere às operações de segmentação, o autor entende que “seja qual for a extensão do texto considerado, é preciso, em primeiro lugar, segmentá-lo em porções cada vez mais reduzidas até os elementos não decomponíveis.” (BENVENISTE, 1966, p 130). As porções referidas aqui podem ser entendidas como os níveis de análise. Os níveis obedecem a uma escala traçada da inferioridade à superioridade. Dos níveis inferiores destacam-se o nível fonemático, das entidades segmentáveis mínimas, relativas aos fonemas da língua, e o nível merismático, dos traços distintivos ou merismas.

Nos níveis superiores, encontram-se os signos e as frases. Nesse entendimento, as porções de língua devem se enquadrar ou agruparem-se em níveis que lhe sejam mais adequados. Contudo, Benveniste (1966: 130) orienta para o fato de que o sentido é a condição fundamental para que uma entidade alcance o status de unidade linguística. Logo, não é arbitrariamente que uma unidade se enquadrará em um nível linguístico.

Segundo entendimento de Adam (2008 : 36) acerca do modelo teórico de Benveniste, a frase é a unidade da comunicação humana e como tal ela se distingue de outras unidades

linguísticas. Por essa condição, a frase se opõe ao merisma. Aquela está em um plano superior, enquanto este em um nível inferior.² Entre esses dois níveis, há os níveis intermediários, isto é, os signos, as palavras e os morfemas.

A passagem de um nível a outro implica relações entre as entidades da língua. De acordo com Benveniste (1966:133), essas relações podem ocorrer entre elementos do mesmo nível e elementos de níveis diferentes. Recebem o nome de relações distribucionais aquelas que se referem a elementos de mesmo nível, enquanto que às relações entre entidades de níveis diferentes se dá o nome de relações integrativas. O autor ressalta que só é relevante tratar dessa última.

Essas relações deixam claras as fronteiras entre os níveis de análise linguística. Entenda-se que em uma escala que vai do merisma (menor unidade linguística analisável) à frase (maior unidade linguística) há níveis que serão compostos por entidades constituintes, bem como por entidades integrantes. Levando-se em conta que o merisma é a menor unidade linguística passível de ser analisada, ele só se define por ser integrante do nível superior – o nível fonemático. Antes dele não há nível inferior que possa trazer ao nível merismático, algum constituinte.

Já a frase é determinada pelos constituintes que a compõem (palavras, signos, morfemas), mas não pode ser integrante de nenhum nível superior, já que o próprio nível da frase é o de maior alcance, na análise de Benveniste. Desta forma, fica claro que constituintes são entidades que um nível linguístico comporta. Já termos integrantes são entidades de um nível inferior que integram um nível superior. Sobre isso, Benveniste destaca:

Um signo é materialmente função dos elementos constitutivos, mas o único meio de definir esses elementos como constitutivos consiste em identificá-los no interior de uma unidade determinada onde preenche uma função integrativa. Uma unidade será reconhecida como distintiva num determinado nível se puder identificar-se como “parte integrante” da unidade de nível superior, da qual se torna integrante. (BENVENISTE, 1966, p 133)

As noções de constituintes e integrantes são fundamentais para que se defina forma e sentido. Como já fora dito, a relação entre forma e sentido é basilar para a compreensão do conceito de enunciação proposto por Benveniste. Segundo este, forma e sentido devem estar articulados na língua. Benveniste (1966: 135-136) classifica, então, forma e sentido da seguinte maneira

² Não há nesta nomenclatura um viés hierárquico, no qual há um elemento melhor e outro e menor prestígio. Neste sentido, não oferece essa nomenclatura o entendimento de que superior seja “melhor” e inferior seja “pior”.

A *forma* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior.

O *sentido* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior

Compreender forma e sentido à luz do pensamento de Benveniste implica na aceitação de que os constituintes de uma unidade linguística são elementos formais, tomados isoladamente não são prenes de sentido. Tal sentido é garantido quando da capacidade de uma unidade linguística passar a integrar outra unidade, a qual esteja em um nível superior. Todavia, forma e sentido são indissociáveis na língua, já que o jogo de análise das entidades ocorre por meio da articulação entre níveis inferiores e níveis superiores.

De acordo com Ducrot (1987: 89), no artigo *Leis do Discurso*, a distinção entre frase e enunciado reside no fato de que a frase é “entidade abstrata, idêntica a si mesma em suas mais diversas ocorrências, e enunciado que é a ocorrência particular, a realização *hic et nunc* da frase”. A partir desse entendimento, enunciado é o objeto de produção do locutor, enquanto que a enunciação consiste na ação de produzir um enunciado.

Neste tocante, significação e sentido referem-se, arbitrariamente, à frase e ao enunciado. Isto é, a significação é o valor semântico que se atribui a uma frase e o sentido é o valor semântico atribuído ao enunciado.

As relações estabelecidas entre frase e enunciado, significação e sentido levam à constatação do que Ducrot considera como nível linguístico, ou seja, um nível relativo aos elementos internos da língua, e nível retórico, aquilo que está além dos limites da língua, isto é, aquilo que se considera extralinguístico.

Ducrot (1987: 91) admite que enunciado é um conjunto de atos de falas. Contudo, uma mesma frase pode realizar atos de fala diferentes. Nesse sentido, tal autor alerta para o fato de ser necessário “*conhecer não só a frase, mas a situação em que ela é empregada para saber o que fez aquele que enuncia*”.

Parece ser essa “situação” descrita por Ducrot um componente retórico e/ou extralinguístico, o qual intervém na construção de sentido do enunciado. Nas palavras do autor, “o papel do componente retórico consiste, então, em procurar na situação os elementos susceptíveis de preencher espaços vazios inscritos na significação da frase, fazendo isto segundo as instruções encontráveis nesta significação” (DUCROT, 1987, p 92)

Não resta dúvida de que Ducrot se utiliza de significação e sentido para explicar o processo de enunciação, sendo o sentido do enunciado determinado pela descrição que se faz

da frase. A significação sendo oriunda da frase é utilizada para determinar o sentido, o qual é um componente mais extenso, por não ser exclusivamente linguístico. Isto quer dizer que da frase passa-se à significação e da significação ao sentido.

1.3 A Teoria da Argumentação na Língua

A Teoria da Argumentação na Língua, doravante TAL, originalmente formulada por Oswald Ducrot e Jean Claude Anscombre (1977) sustenta o ramo da Semântica Linguística que se dedica aos estudos da argumentação – a Semântica Argumentativa.

A TAL está dividida em três fases, designadas como forma padrão da teoria, Teoria dos *topoi* e Teoria dos Blocos Semânticos. Cada uma dessas fases consiste em uma forma determinada de compreender a argumentação. No entanto, é comum entre essas fases a noção de que a argumentação está inscrita no funcionamento da língua.

Segundo Campos (2007), Anscombre e Ducrot procuram determinar a diferença entre a visão tradicional de argumentação e noção de argumentação na qual se sustenta a TAL. A oposição à visão tradicional se deve principalmente ao fato de a argumentação à luz dessa concepção ser uma forma de justificar um argumento, por meio de uma conclusão.

Ducrot (2009) considera que essa oposição distingue uma argumentação linguística, a qual a TAL se dedica a tratar, de uma argumentação retórica de caráter mais tradicional. Entre essas duas visões não há nenhuma relação direta.

Seguindo esse entendimento, a argumentação retórica é “a atividade verbal que visa alguém crer em alguma coisa” (Ducrot, 2009, p. 20). Sob esse aspecto, Ducrot critica o fato de que o fazer crer não esteja vinculado a um levar a fazer algo. Isto é, o conceito da argumentação tradicional remete a levar o sujeito a crer em algo, não a levar a fazer alguma coisa. Na compreensão de Ducrot (2009), há muitas outras formas de levar um sujeito a fazer alguma coisa, que não seja algo em que ele, necessariamente, acredite. Logo, a argumentação retórica:

só considera o levar alguém a fazer se este é apoiado sobre um fazer crer, o que é uma grande limitação, porque há muito evidentemente outros meios de levar alguém a fazer alguma coisa que não seja a estratégia um pouco ingênua que consiste em fazê-lo crer que é bom para ele fazer essa coisa. (DUCROT, 2009, p20)

A Teoria da Argumentação na Língua se centra em uma argumentação de ordem linguística, que considera que o discurso é formado por encadeamentos de dois segmentos,

ligados ou não por um conector. Ducrot (2009) destaca no conceito de argumentação linguística a relação que os conectores favorecem entre as entidades linguísticas, de qualquer extensão, o qual remete diretamente a noção de encadeamento argumentativo:

chamarei [argumentação linguística] os segmentos de discurso constituídos pelo encadeamento de duas porções A e C, ligadas implícita ou explicitamente por um conector do tipo *donc (portanto)*, *alors (então)*, *par conséquent (consequentemente)*. Chamarei A o argumento, e C a conclusão. Essa definição pode ser estendida aos encadeamentos que ligam, não duas proposições sintáticas, mas duas seqüências de proposições, por exemplo, dois parágrafos de um artigo. (DUCROT, 2009, p 20-21)

Na seqüência supracitada, observa-se que os encadeamentos argumentativos sustentam a noção de argumentação. É a partir do encadeamento que emergem as relações de argumentação na língua. Tais encadeamentos não devem ser compreendidos isolando os segmentos A e C. O sentido do encadeamento se dá na relação entre os dois segmentos. Conforme esse entendimento, o segmento A não pode servir para justificar C. A relação estabelecida entre os dois é única e determinante para a descrição de um sentido.

Ao reforçar a noção de que A e C não exprimem fatos isolados, Ducrot (2009: 22) reforça que o encadeamento argumentativo serve “*não para justificar uma afirmação a partir de outra, apresentada como já admitida, mas para qualificar uma coisa ou uma situação*”.

Admitindo que a Teoria da Argumentação na Língua trata dos estudos relativos a uma argumentação de ordem linguística, entende-se que as fases pelas quais passou a teoria, desde os estudos devolvidos por Jean-Claude Anscombe e Oswald Ducrot, inicalmente, até o momento atual tratado por Marion Carel, não diferem nesse aspecto. Ao contrário, as três fases, mesmo apresentando alterações entre si, convergem para a ideia de que a argumentação está na língua.

No entanto, as alterações feitas na TAL motivaram a distinção de três fases. Uma se caracteriza por ser a *forma padrão* da teoria. Outra está fundamentada na noção de *topos*, originando a teoria dos *topoi* argumentativos. E a atual fase denominada teoria dos blocos semânticos.

De acordo com Campos (2007), a forma padrão da teoria se concentra na ideia de que o potencial argumentativo de um enunciado pode ser definido como um conjunto de conclusões às quais se pode chegar a partir dele. Nesse sentido, entidades linguísticas como “*pouco*” e “*um pouco*”, mesmo sendo similares, levam a conclusões diferentes. Logo, são compreendidas como expressões argumentativas.

Alguns fatores motivaram a alteração dessa forma da teoria. Campos (2007:142) destaca que 1) a dificuldade de descrição de expressões argumentativas; 2) o fato de que há duplas frases com o mesmo operador argumentativo que permitem chegar a conclusões diferentes; 3) há duplas frases com operadores opostos que levam a mesma conclusão. Estes foram os principais aspectos motivadores para a alteração.

A fase seguinte tinha como intuito trazer os princípios argumentativos para dentro do enunciado, a fim de que as conclusões diferentes extraídas de um enunciado fossem fruto de uma ordem interna da língua, e não de aspectos externos. Nesse tocante, a noção de *topos* ocupa lugar central dessa fase.

A saber, nos exemplos, 1) “*Pedro trabalhou pouco*” e 2) “*Pedro trabalhou um pouco*”, Ducrot, de acordo com a forma padrão da teoria, considerava que podia evocar a mesma conclusão para os dois argumentos – “vai fracassar” – se se considera que trabalho leva ao fracasso. Trata-se aqui de operadores argumentativos diferentes que podem levar à mesma conclusão.

A partir da noção de *topos* ou teoria dos *topoi* argumentativos, essa questão parece ficar resolvida. Para que haja a conclusão “*Pedro vai fracassar*” podem ser convocados dois *topoi*. Um, segundo o qual “*Quanto mais se trabalha mais êxito se alcança*” (levando em conta que Pedro trabalhou pouco) e outro *topos* segundo o qual “*Quanto mais se trabalha mais se fracassa*” (levando em conta que Pedro trabalhou um pouco).

Campos (2007: 144) ressalta que uma diferença substancial entre a forma padrão e teoria dos *topoi* consiste no fato da primeira descrever a argumentação a partir dos enunciados, enquanto que a segunda a descreve a partir dos enunciadores. Isto implica na discriminação dos diferentes pontos de vista que podem existir nos enunciados.

Contudo, as críticas que incidem sobre a teoria dos *topoi* argumentativos são relativas à questão de estar apoiada na exterioridade linguística. Ducrot (2005 :12) explica que os *topoi* argumenativos dão base a relações argumentativas que não são de ordem puramente linguística, o que renuncia ao princípio saussureano, segundo o qual a língua só se estuda a partir dela mesma.³

³ Em *La Semántica Argumentativa – Uma introducción a la Teoría de Los Bloques Semánticos*, Ducrot explica por que a teoria dos *topoi* deve ser alterada dando lugar a Teoria dos Blocos Semânticos. A passagem original a seguir exemplifica a questão: “Según la teoría de los *topoi*, y volviendo al ejemplo del hotel, el encadenamiento argumentativo *el hotel está cerca, por lo tanto es fácil llegar* se basa em el principio *cuando más cerca está un lugar, mas fácil se llega* a el; y veceversa, el encadenamiento *el hotel está lejos, por lo tanto es difícil llegar* se basa em el principio *cuando más lejos está algo, más difícil es su acceso*. Al introducir estos

A fase seguinte e mais atual trata-se da Teoria dos Blocos Semânticos que se destaca na Teoria da Argumentação na Língua, por trazer dentre suas propostas de alteração, em relação à fase anterior, a preservação e respeito aos princípios saussureanos. Nesse sentido, entende ser a língua o seu principal objeto de estudo, não cabendo a interferência de elementos externos a ela, quando se trata de descrição lingüística. Por ser foco deste trabalho, a Teoria dos Blocos Semânticos será detalhada no próximo capítulo.

topoi, Jean-Claude Anscombe y yo basábamos las relaciones argumentativas em principios que no son de orden lingüístico. Em outras palabras, basábamos la argumentación em la relación que existe em la realidad entre el hecho de estar cerca y el hecho de ser de fácil acceso. Al basar, entonces, la argumentación em nociones independientes de la lengua, estábamos, em realidad, renunciando al principio saussureano según el cual la lengua solo se estudia a partir de ella misma.” (DUCROT, 2005, p12-13)

CAPÍTULO 2 – A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS

A Teoria dos Blocos Semânticos é a terceira e mais atual fase da Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean- Claude Anscombre. Esta nova fase, oriunda dos estudos de Marion Carel, sob a orientação de Oswald Ducrot, procura tratar do sentido das entidades linguísticas evocado pelos discursos argumentativos.

Segundo Ducrot (2005: 13), “a ideia central da teoria é que o próprio sentido de uma expressão é dado pelos discursos argumentativos que podem encadear-se a partir dessa expressão”⁴. Logo, a Teoria dos Blocos Semânticos se sustenta na ideia de que os sentidos são produzidos na relação que ocorre entre os encadeamentos argumentativos. Neste tocante, Ducrot (2005) considera que a argumentação constitui o sentido.

Na medida em que se trata de uma nova versão da TAL, a Teoria dos Blocos Semânticos, doravante TBS, toma como alicerce teórico os estudos estruturalistas e estudos de enunciação. Contudo, esta nova fase da TAL busca destacar nos estudos da argumentação na língua uma abordagem de ordem linguística, a fim de não relacionar a esta perspectiva noções consideradas independentes da própria língua, ou seja, noções externas.

Para assegurar que os estudos da TBS se distanciam da referencialidade do mundo, Ducrot (2005:13) afirma que o sentido de uma entidade linguística não se dá em função de crenças psicológicas ou idéias extralinguísticas, mas sim em função dos discursos evocados por essa entidade.⁵

Notadamente, esta noção de não referencialidade dos sentidos com o mundo implica numa relação direta com os fundamentos *saussureanos*, segundo os quais o significado dos signos é estabelecido na língua, a partir das relações que os signos estabelecem entre si, na própria língua, sem que ocorra uma relação direta com as coisas do mundo. Seria então a relação entre um signo com os outros signos da língua que confeririam àquele um significado.

Importante ressaltar que a TBS preserva o entendimento de que o sentido se dá na argumentação. A fim de manter esse posicionamento, Ducrot (2005: 12-13) explica que um dos motivos para ter renunciado à noção dos *topoi* argumentativos diz respeito ao fato de que,

⁴ Texto original em espanhol “*La idea central de la teoria es que el sentido mismo de una expresión está dado por los discursos argumentativos que pueden encadenarse a partir de esa expresión.*”

⁵ Texto original em espanhol “*el sentido de una entidad lingüística no está constituido por cosas, hechos, propiedades, creencias psicológicas , ni ideas. Está constituido por ciertos discursos que esa entidad lingüística evoca.*”

em algum momento percebeu que os *topoi* mantinham-se em função de relações não puramente argumentativas e de ordem não lingüística.

Tendo em vista que a TBS destaca a necessidade de manter-se exclusivamente no universo lingüístico, a fim de se construir o sentido de uma entidade da língua, o entendimento desta teoria leva a crer que as entidades da língua dão conta de evocar outras entidades, a partir de encadeamentos argumentativos, em uma ordem puramente lingüística.

2.1 Os encadeamentos argumentativos

Levando-se em conta que o foco da TBS está na descrição dos sentidos de uma expressão, que ocorre a partir dos discursos argumentativos encadeados por essa expressão, torna-se fundamental compreender o que vem a ser um discurso argumentativo encadeado, ou seja, o que vem a ser um encadeamento argumentativo.

Segundo definição de Carel (2005: 80), um encadeamento argumentativo é “*qualquer sequência de dois segmentos que são, de certo modo, dependentes*”. Tal asserção estabelece o aspecto formal de um encadeamento – sequência de dois segmentos – e apresenta a questão da dependência, característica preponderante na TBS. Sendo o sentido construído na própria argumentação, os dois segmentos que compõem o encadeamento não podem ser compreendidos isoladamente, mas sim a partir da relação única que mantêm um com outro.

Os encadeamentos argumentativos na TBS são os elementos fundamentais para a formação do que mais à frente entenderemos como bloco semântico. Conforme apontamento de Ducrot (2005: 13-14), os discursos que uma entidade lingüística evoca são caracterizados como encadeamentos argumentativos.

Estes encadeamentos são formalmente constituídos da união de dois segmentos unidos por um conectivo, tal qual X CON Y, de forma que X é o primeiro segmento, Y é o segundo segmento e CON é um conectivo. As relações argumentativas estabelecidas no encadeamento argumentativo podem ser de *normatividade* ou de *transgressividade*.

Desta forma, os encadeamentos argumentativos expressam uma relação normativa, quando a união entre os segmentos X e Y se dá, implícita ou explicitamente, por um conectivo do tipo *portanto*, em português simbolizado por **PT**. Outros conectivos como *então*, *logo* e *em consequência* também são normativos.

Já os encadeamentos argumentativos do tipo transgressivo se constituem pela união de dois segmentos *X* e *Y*, por meio de um conectivo do tipo *no entanto*, em português simbolizado por **NE**. Outros conectivos transgressivos são *entretanto*, *porém* e *apesar de*.

Assumindo os exemplos de Ducrot (2005:14), apresentamos dois encadeamentos argumentativos, sendo um normativo e outro transgressivo: 1) *Pedro é prudente, **portanto** não sofrerá nenhum acidente*⁶; 2) *Pedro é prudente, **no entanto** sofreu um acidente*⁷.

Considera-se que o exemplo (1) é um encadeamento do tipo normativo, visto que os dois segmentos se unem por meio do conectivo *portanto*, estabelecendo assim uma relação argumentativa de normatividade.

O exemplo (2) apresenta um encadeamento do tipo transgressivo. Dois segmentos, unidos pelo conectivo *no entanto*, permitem admitir que neste caso há uma relação de transgressividade.

Nota-se que os dois exemplos de encadeamentos argumentativos apresentam os mesmos segmentos. Segmento A, representado por “*Pedro é prudente*”, e segmento B, representado por “*sofrerá um acidente*”. Contudo, o conectivo escolhido é o elemento fundamental para se estabelecer a relação argumentativa do encadeamento.

O exemplar de encadeamento *Pedro é prudente **portanto** não sofrerá nenhum acidente* descreve a própria palavra *prudente*. Tal descrição orienta para o fato de que prudente é aquele que por ter atitude relativa à prudência não sofre acidentes. Logo, a relação de normatividade estabelece uma ideia de prescrição ou expectativa, isto é, estabelece uma norma, no que tange ao termo descrito, ou uma conduta padrão.

O outro encadeamento, característico por ser transgressivo, expõe que *Pedro é prudente, **no entanto** sofreu um acidente*. Neste caso, mesmo agindo com prudência, o indivíduo sofreu acidentes. Tal encadeamento pode descrever a pessoa “*sem sorte*” ou “*azarada*”. Há uma quebra da expectativa inicial, que previa que quem age com prudência não sofre acidentes. Este tipo de encadeamento se firma, então, na transgressão ou quebra da expectativa.

Carel (2005) reforça uma questão acerca da transgressividade. Não se trata de uma transgressão aos valores ou crenças de uma comunidade social, mas uma contradição em relação aos discursos evocados pelas entidades da língua. Voltando aos exemplos anteriores, a

⁶ Texto original em espanhol: “Pedro es prudente, por lo tanto no tendrá ningún accidente”.

⁷ Texto original em espanhol: “Pedro es prudente, sin embargo sufrió accidentes”.

normatividade prevê no exemplo (1) que a prudência leva a não-ocorrência de acidentes. No exemplo (2), a utilização do conectivo *no entanto* provoca a construção de outro sentido, segundo o qual mesmo sendo prudente, ocorreu um acidente. Trata-se então do sentido sendo construído a partir da transgressão de algo que já estava previsto, ou seja, trata-se de um conflito com a norma.

2.2 A interdependência semântica

A partir dos exemplos supracitados, (1) e (2), é possível destacar a noção inerente à TBS, segundo a qual os segmentos não são compreendidos isoladamente – a noção de interdependência semântica, estabelecida nos encadeamentos argumentativos.

Os dois exemplos apresentam os mesmos segmentos na posição anterior ao conectivo, contudo se distinguem quanto ao conectivo – um é normativo e o outro transgressivo. Esta distinção provocará a distinção também no conteúdo do segmento seguinte. Logo, um mesmo segmento só produz sentido na relação que estabelece com outros segmentos. Os segmentos dependem da relação com outros segmentos para produzirem sentido.

Isto é, a interdependência semântica se dá entre os segmentos que se relacionam na construção de um sentido. Segundo Ducrot (2005: 16), “nos dois tipos de encadeamento se manifesta um fato fundamental, a saber, que cada um dos dois segmentos encadeados toma seu sentido somente na relação com o outro”⁸.

Por esta razão, nos exemplos (1), “*Pedro é prudente, portanto não sofrerá acidentes*”, e (2), “*Pedro é prudente, no entanto sofreu acidentes*”, por mais que o primeiro segmento seja o mesmo (“*Pedro é prudente*”), a relação estabelecida em cada caso – uma normativa e outra transgressiva – faz com que o conteúdo do segundo segmento seja diferente, tendo em vista a interdependência semântica. Percebe-se que o sentido é único em cada encadeamento.

Também fica claro que a interdependência semântica faz com que o sentido de cada um dos segmentos seja dado pela relação com o outro segmento do encadeamento. Logo, o sentido de cada um dos segmentos é afetado pela relação dos dois.

⁸ No texto original em espanhol: “*en los dos tipos de encadenamientos se manifesta um hecho fundamental, a saber, que cada uno de los dos segmentos encadenados toma solamente su sentido em relación com el outro*”.

Ducrot (2005:16) apresenta outros exemplos, a fim de ilustrar a questão da interdependência semântica. Ele considera 1) *É um verdadeiro problema, [portanto] adiemos o assunto*⁹; 2) *É um verdadeiro problema, portanto não adiemos o assunto*¹⁰

No exemplo (1), “*problema*” pode ser entendido como “*questão difícil*”. De acordo com Ducrot (2005), uma *questão difícil* tomará tempo para que o assunto seja debatido, de modo que deve ser adiado o assunto. Nota-se que *adiar o assunto*, posto no segundo segmento do encadeamento argumentativo, toma seu sentido – tomar tempo para debate – na sua relação com o primeiro segmento.

Problema, no exemplo (2), estabelece outro sentido. Nesta situação, trata-se de “*questão urgente*”. Logo, “*questão urgente*” implica no tratamento imediato do caso. Entende-se que *a questão é urgente portanto é necessário ocupar-se imediatamente dela*¹¹, segundo Ducrot (2005: 17).

Tanto o exemplo (1), quanto o exemplo (2) são formados pelo conectivo *portanto*. Ambos apresentam “*é um verdadeiro problema*” no segmento A e “*adiemos o assunto*” no segmento B. No entanto, os sentidos evocados dos encadeamentos são distintos, tendo em vista que o sentido só é construído na relação única estabelecida entre os segmentos. No exemplo (2), há a presença da negação (*não adiemos o assunto*). Dá-se então um sentido diferente daquele apresentado em (1). Isso não quer dizer que só no exemplo (1), *problema* terá o sentido de “*questão difícil*” e no exemplo (2) de “*questão urgente*”.

Segundo Ducrot (2005), é possível prever a formação de mais alguns exemplos, a partir dos mesmos segmentos. Seriam: 3) *Não é um verdadeiro problema, por tanto não adiemos o assunto*¹²; 4) *Não é um verdadeiro problema, portanto adiemos o assunto*¹³.

Tendo em vista que, de acordo com os exemplos de Ducrot (2005), *questões difíceis* levam a *maior atenção*, e por isso, ao *adiamento* e *questões urgentes* levam ao *tratamento imediato do assunto*, nota-se que o encadeamento argumentativo (3) relaciona *problema* à *questão difícil*, enquanto que em (4) *problema* diz respeito a uma *questão urgente*.

Os segmentos têm o mesmo sentido nos encadeamentos (1) e (3), mesmo que em (3) ocorra uma negação. Os outros encadeamentos, (2) e (4), pautam-se na mesma construção de

⁹ Texto original em espanhol: “Es um verdadero problema, adiemos o assunto, no nos ocupemos de eso por el momento”.

¹⁰ Texto original em espanhol: “Es um verdadero problema, por lo tanto, no posterguemos el asunto.”

¹¹ Original em espanhol: “es um problema grave, por lo tanto es necesario ocuparse inmediatamente de e”.

¹² Original em espanhol: “No es um verdadero problema, por lo tanto no posterguemos el asunto”.

¹³ Original em espanhol: “ No es um verdadero problema, por lo tanto posterguemos el asunto”.

sentido, por mais que ora um segmento seja positivo, ora seja negativo. O par (1) e (3) pertence ao mesmo bloco semântico, mas não ao mesmo bloco de (2) e (4).

Não resta dúvida que o fato de os segmentos de (1) e (3) apresentarem o mesmo sentido, ocorre da interdependência semântica, a qual aproxima os encadeamentos que se pautem na mesma construção de sentido. Isso resultará na formação do bloco semântico, formado pelos encadeamentos (1) e (3) com mais dois encadeamentos, ou seja, um grupo de encadeamentos os quais *produzem a mesma interdependência semântica, entre os segmentos A e B*¹⁴, de acordo com Ducrot (2005: 23).

Notando que o encadeamento argumentativo mantém uma interdependência semântica com outros encadeamentos, que estes podem ser normativos ou transgressivos, assim como podem apresentar ou não uma expressão negativa ou no segmento X ou Y, há a necessidade de formalização na apresentação do encadeamento argumentativo. Para tanto, Ducrot (2005) apresenta a noção de aspecto argumentativo, considerando elementos A e B e segmentos X e Y.

Levando em conta um encadeamento *A PT B*, entendemos que se trata de um encadeamento normativo, bem como o encadeamento *A NE B* se trata de um encadeamento transgressivo. Não é apontada, nesse momento, a questão da negação nos segmentos. Isso porque ao tratarmos os segmentos como A ou B, não interessa, neste momento, saber se o segmento é negativo ou não. Interessa tão somente, *a priori*, o sentido construído no segmento, como evidenciamos nos exemplos (1) e (3); (2) e (4).

Remetendo ao que já fora dito anteriormente, os encadeamentos (1) e (3) estão semanticamente relacionados, ou seja, ambos levam em conta a mesma construção de sentido.

Tomando os exemplos (1) “É um verdadeiro problema, portanto adiemos o assunto” e em (3) “Não é um verdadeiro problema, portanto não adiemos o assunto”, analisa-se que estes têm como segmento A “*questão difícil*” e como segmento B “*adiar o assunto*”, mesmo que o exemplo (3) tenha elementos negativos que não aparecem no exemplo (1). Neste caso, a relação semântica estabelecida pelos encadeamentos se dá, justamente, porque o sentido evocado para segmento A é o mesmo em ambos os exemplos, assim como no segmento B.

¹⁴ A referida afirmação toma o enunciado em espanhol “em cada encadenamiento se produce la misma interdependência semântica entre A y B”.

No entanto, a distinção formal, ou seja, a distinção que ocorre entre esses encadeamentos pode ser marcada, a partir da noção do que sejam segmentos X e Y. A noção apresentada por Ducrot (2005) admite que X e Y são os elementos dentro do encadeamento que comportam as negações, enquanto que não compete a A e B essa função. A negação em A e B deve ser marcada fora, com uma partícula de negação. Isto implica em dizer que X pode significar A ou NEG-A e Y pode significar B ou NEG – B.

Segundo Ducrot (2005) estes conceitos são relevantes na compreensão do que ele chama de *aspecto argumentativo*. Nas palavras do autor “*chamamos aspecto A PT B ao conjunto de encadeamentos argumentativos normativos X PT Y nos quais X contém A e Y contém B*” (2005: 20). No que tange aos aspectos transgressivos, Ducrot sustenta que “*chamamos aspecto A NE B ao conjunto de encadeamentos argumentativos transgressivos nos quais X contém A e Y contém B*” (2005: 20 - 21)

A partir da descrição do trabalho de Ducrot (2005), no que tange a formação dos encadeamentos argumentativos e da relação semântica ou interdependência semântica, apresenta-se abaixo um esquema com os oitos encadeamentos que se podem evocar de uma relação A CON B. Tal esquema ilustra o aspecto argumentativo, o encadeamento argumentativo e o discurso que originou tal encadeamento, sucessivamente. Toma-se :

1. A PT B

Questão difícil PT adiar o assunto

É um verdadeiro problema, portanto adiemos o assunto

2. A NE B

Questão urgente NE adiar assunto

É um verdadeiro problema, no entanto adiemos o assunto

3. NEG- A PT NEG B

Questão não difícil PT não adiar o assunto

Não é um verdadeiro problema, portanto não adiemos o assunto

4. A NE NEG B

Questão difícil NE não adiar o assunto

É um verdadeiro problema, no entanto não adiemos o assunto

5. NEG A PT B

Questão não urgente PT adiar o assunto

Não é verdadeiro problema, portanto adiemos o assunto

6. NEG A NE NEG B

Não questão urgente NE não adiar assunto

Não é um verdadeiro problema, no entanto não adiemos o assunto

7. NEG A NE B

Não questão difícil NE adiar o assunto

Não é um verdadeiro problema, no entanto adiemos o assunto

8. A PT NEG B

Questão urgente PT não adiar o assunto

Não é um verdadeiro problema, portanto não adiemos o assunto

Os aspectos argumentativos são utilizados na representação do Bloco Semântico, foco maior da TBS, já que representam as relações argumentativas estabelecidas pelos encadeamentos evocados pelas entidades linguísticas. Segundo Ducrot (2005) e à luz do esquema apresentado conforme a teoria, entende-se que há oito aspectos fundamentais, os quais agrupam-se em dois blocos semânticos, com quatro encadeamentos cada. Desta forma, tem-se:

Bloco Semântico 1	Bloco Semântico 2
A PT B	A NE B
A NE NEG- B	A PT NEG- B
NEG- A NE B	NEG-A PT B
NEG -A PT NEG-B	NEG-A NE NEG-B

Quadro 1 – Blocos Semânticos
Fonte: Cf. DUCROT, Oswald. (2005: 22-24)

Ainda segundo Ducrot (2005), a união dos aspectos em cada bloco se dá em decorrência da relação que os aspectos do mesmo bloco apresentam entre si. Isto é, cada encadeamento do bloco resulta na mesma interdependência, ou seja, mantém a mesma relação semântica entre o segmento A e o segmento B. Além disso, os sentidos de A e B será o mesmo em todos os aspectos do bloco, podendo mudar no bloco correspondente.

De acordo com os oito exemplos supracitados, nota-se que o encadeamento formado a partir do aspecto A PT B corresponde a uma representação semântica distinta de A NE B. Não

é à toa que estes dois aspectos compõem blocos semânticos diferentes. O primeiro se refere ao bloco semântico 1, enquanto que o segundo ao bloco semântico 2.

Ao se tomar como exemplo as relações que se estabelecem entre as expressões “*é um verdadeiro problema*” e “*adiar o assunto*”, percebe-se que a depender do aspecto escolhido para estabelecer tal relação o sentido de tal argumentação se constituirá de formas diferentes.

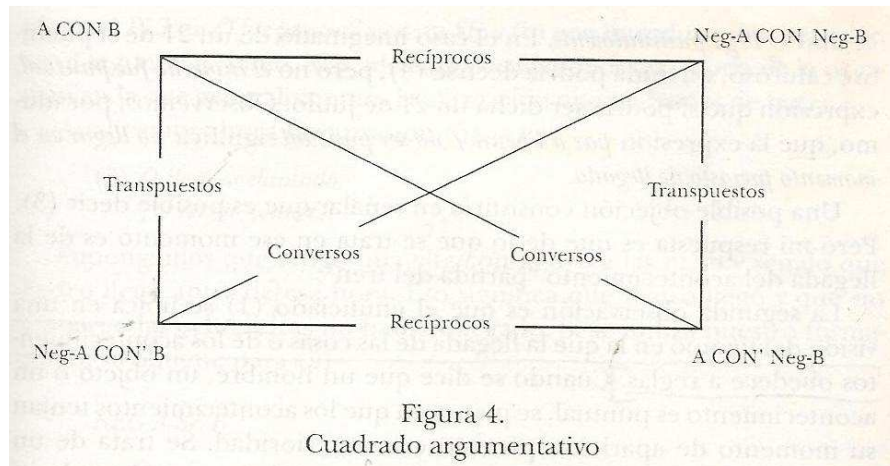
Em *é um verdadeiro problema, portanto adiemos o assunto*, tem-se problema como *questão difícil*, que toma tempo. Esta representação de problema será a mesma para os outros aspectos que compõem o bloco semântico formado por A PT B, ou seja, bloco semântico 1.

Tomando-se outro exemplo, no qual se adota o aspecto A NE B, tem-se *é um verdadeiro problema, no entanto adiemos o assunto*. Nota-se, a partir deste encadeamento que a descrição de problema corresponde à *questão urgente* e não mais à questão difícil. Isto ocorre em virtude do encadeamento argumentativo, em questão, ser formado por um aspecto que compõe outro bloco semântico, ou seja, o bloco semântico 2.

Logo, fica claro que o sentido de uma entidade linguística nunca será o mesmo para encadeamentos que compõem blocos semânticos diferentes, tendo em vista que as relações de interdependência semântica, que se estabelecem em cada bloco são únicas.

2.3 O quadrado argumentativo e as relações discursivas

O Bloco Semântico, definido a partir de quatro aspectos fundamentais, é representado no quadrado argumentativo. Esta noção é utilizada para visualizar o bloco semântico. Além disso, é no quadrado argumentativo que se tornam visíveis relações discursivas convencionadas como: *transposição*, *conversão* e *reciprocidade*, como se observa na figura a seguir, apresentada por Ducrot (2005):



Quadro 2 – Quadrado argumentativo
Fonte: Cf. DUCROT, Oswald. (2005: 41)

A ilustração acima representa o padrão do quadrado argumentativo, tanto para o que se entende como Bloco Semântico 1, como para o Bloco Semântico 2. A representação dos segmentos é feita por meio de A e B, sendo o conectivo CON. A representação CON' designa o conectivo oposto. São apresentadas também as relações discursivas que podem ser estabelecidas no bloco. A relação de reciprocidade se dá entre aspectos do mesmo plano, ou seja, aspectos que estejam lado a lado. A relação de transposição ocorre entre aspectos de planos distintos. Por fim, a relação de conversão ocorre entre aspectos que fazem uma linha diagonal.

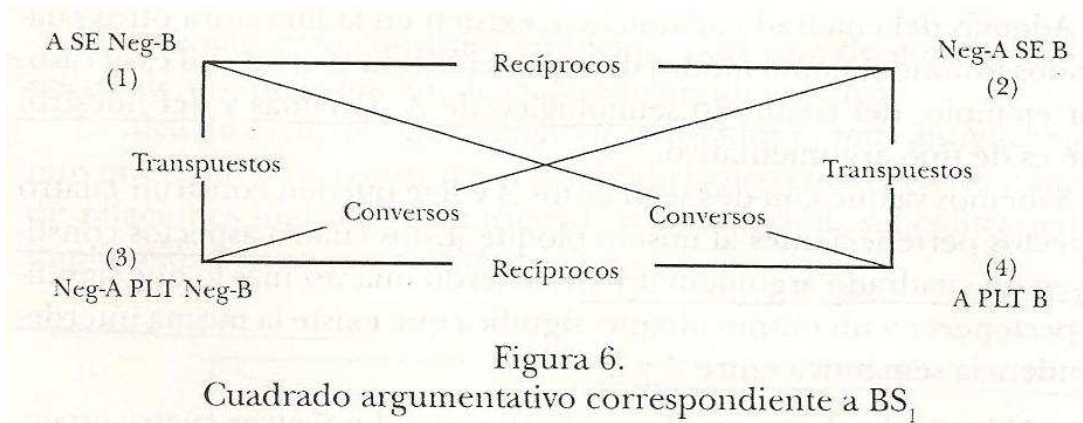
Nota-se que os encadeamentos que estabelecem uma relação de reciprocidade mantêm o mesmo conectivo, fazendo com que o termo positivo de um lado fique negativo do outro, bem como o termo negativo de um lado torna-se positivo no outro.

No que tange às relações de transposição, elas ocorrem levando em conta que há alteração do conectivo, bem como alteração do primeiro segmento, ou seja, do segmento A. Este recebe uma negação ou passa a ser um segmento sem negação.

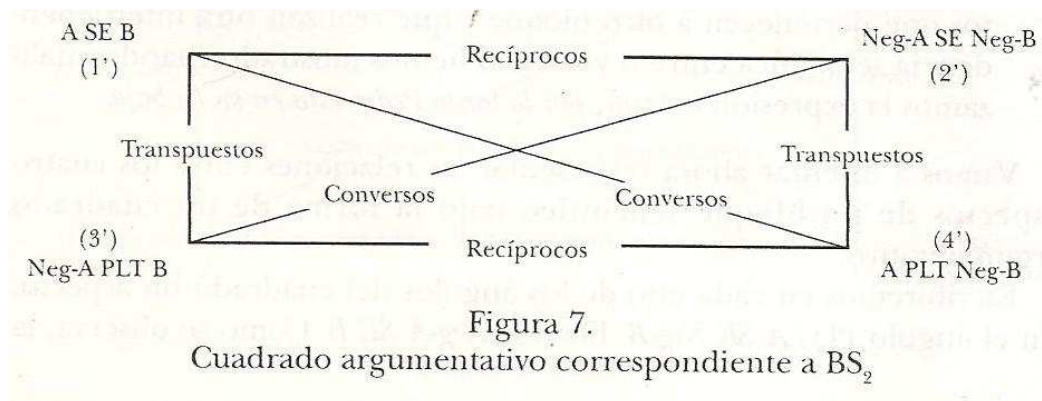
As relações de conversão também apresentam como fundamento a diferença entre os conectivos dos encadeamentos. Além disso, o segundo segmento dos encadeamentos conversos é diferente. Passa a ter negação ou perde a negação, dependendo do encadeamento.

A seguir, apresentam-se duas figuras utilizadas por Ducrot (2005). Tratam-se dos quadrados argumentativos representativos para cada bloco semântico. O quadro 3 representa o quadrado argumentativo para o bloco semântico 1, enquanto que o quadro 4 representa o quadrado argumentativo para o bloco semântico 2. Como as representações são exemplares

originais do texto de Ducrot, publicado em espanhol, o conectivo *portanto*, que neste trabalho é representado com **PT**, nos exemplos a seguir é representado como **PLT**. Já o conectivo *no entanto*, para o qual se atribuiu a representação **NE**, recebe a representação **SE**:



Quadro 3 – Quadrado argumentativo correspondente ao bloco semântico 1
Fonte: Cf. DUCROT, Oswald. (2005: 46)

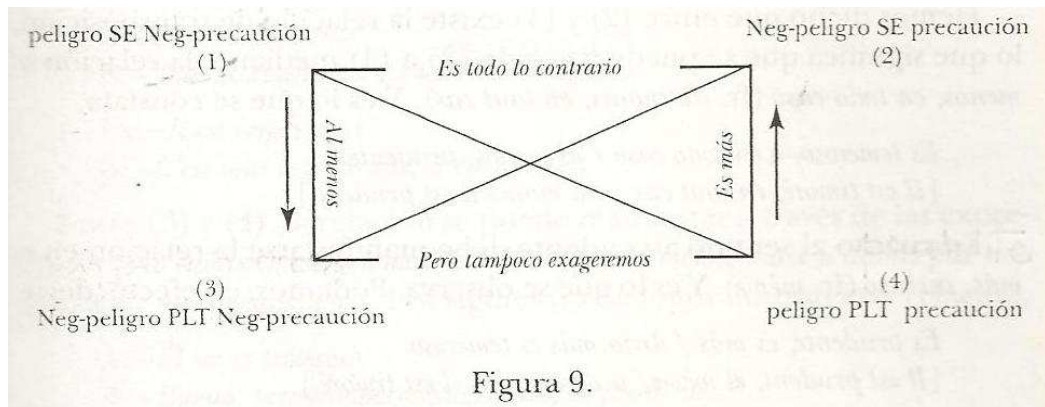


Quadro 4 – Quadrado argumentativo correspondente ao bloco semântico 2
Fonte: Cf. DUCROT, Oswald. (2005: 46)

A fim de visualizar um exemplo de quadrado argumentativo, no qual os segmentos A e B estejam preenchidos por um conteúdo, tomar-se-á o exemplo utilizado por Ducrot (2005: 55), no qual se dá a relação entre os predicados A e B, sendo A palavra *perigo*¹⁵ e B *precaução*¹⁶, dispostos no quadrado semântico.

¹⁵ No texto original, *peligro*

¹⁶ No texto original, *precaución*



Quadro 5 – Quadrado Argumentativo das relações entre *perigo* e *precaução*
 Fonte: DUCROT, Oswald. (2005:55)

Observa-se acima a adoção do Bloco 1, já mencionado anteriormente. Desta forma, a partir dos encadeamentos evocados na relação entre *perigo* e *precaução*, chegou-se a descrição de (1) *imprudente*, (2) *precavido*, (3) *não-precavido* e (4) *prudente*.

Segundo descrição de Ducrot (2005: 55), o ângulo (1) remete ao enunciado “*Há perigo, no entanto não toma precaução*”. Esta descrição adéqua-se a figura do *Imprudente*. Este, por sua vez, estabelece uma idéia de conversão com o ângulo (4), que pode ser representado pelo enunciado “*Há perigo, portanto toma precaução*”, ou seja, *prudente*.

Considerando o ângulo (2), chega-se ao enunciado “*Mesmo quando não há perigo, toma precauções*”. A partir deste chegamos a uma descrição para *precavido*.

Além disso, entre (2) e (4), há uma relação de transposição. Segundo esta, é possível passar do ângulo (2) ao ângulo (4) mediante relação com *ao menos*, *em todo caso*, como se verifica no exemplo “*É precavido, em todo caso, ao menos é prudente*”.

Se esta relação entre (2) e (4) se der de forma ascendente, ou seja, de (4) para (2), usar-se-á outros conectivos, a ponto de construir o enunciado “*É prudente, diria até mais, é precavido*”.

No que tange ao ângulo (3), forma-se o enunciado “*Quando não há perigo, não toma precauções*”. Isto implica na descrição de *não-precavido*. Assim como nos outros exemplos, também se pode estabelecer relações de conversão e transposição entre este e os outros ângulos, a fim de evidenciar outras relações discursivas.

2.4 Argumentação Externa e Argumentação Interna

Outro ponto a ser destacado na Teoria dos Blocos Semânticos diz respeito aos tipos de argumentação. A saber, toda entidade linguística possui dois tipos de argumentação: a argumentação externa e a argumentação interna.

A argumentação externa de uma entidade linguística está expressa nos encadeamentos que esta entidade evoca, podendo encontrar-se à direita ou à esquerda dos encadeamentos. Adotando exemplo de Ducrot (2005: 62), os encadeamentos abaixo compõem a argumentação externa de *prudente*:

- (1) Pedro é *prudente*, portanto não sofrerá acidentes.¹⁷
- (2) Pedro é *prudente*, portanto está seguro.¹⁸
- (3) Tem medo, portanto é *prudente*¹⁹.

Nos três exemplos, para que se chegue à descrição da palavra *prudente*, utiliza-se a própria palavra em um dos segmentos, ou seja, a palavra *prudente* está contida em um dos segmentos. Verifica-se, também, a partir dos exemplos, outra propriedade da argumentação externa. Em (1) e (2), a palavra *prudente* dá início ao encadeamento. Já no exemplo (3), a palavra *prudente* é fim.

Esta propriedade apontada da argumentação externa recebe uma nomenclatura. Trata-se de *argumentação externa à direita* e *argumentação externa à esquerda*. Quando a entidade linguística que está sendo descrita estiver à direita no encadeamento argumentativo, dá-se o nome de AE à direita, como no caso dos exemplos (1) e (2). Quando a entidade linguística descrita estiver à esquerda no encadeamento argumentativo, dá-se o nome de AE à esquerda. A saber o encadeamento (3) é um exemplar de AE à direita

Já as argumentações internas têm como objetivo reformular ou parafrasear as entidades linguísticas descritas. Logo, não se observará na argumentação interna a propriedade da repetição da entidade no próprio encadeamento.

Retomando os encadeamentos do quadrado argumentativo exemplificado no quadro 5, constatamos que os encadeamentos argumentativos nos ângulos (1), (2), (3) e (4) são argumentações internas dos vocábulos que descrevem, tendo em vista que são uma forma de parafraseá-los.

¹⁷ No texto original "*Pedro es prudente, por lo tanto no tendrá accidentes*"

¹⁸ No texto original "*Pedro es prudente, por lo tanto estará seguro*"

¹⁹ No texto original "*Tiene miedo, por lo tanto es prudente*"

Logo, fica claro que diferente da argumentação externa, a argumentação interna, doravante AI, de determinada entidade linguística não permite que tal entidade seja conteúdo do segmento, já que a AI é uma espécie de paráfrase. No que tange essa propriedade da AI, Ducrot (2005:65) afirma que “*se se quer parafrasear uma palavra, não se deve tomar uma expressão em que apareça a mesma palavra*”.²⁰ Neste sentido, o ângulo (1) da referida figura 9, que descreve *imprudente*, por meio do encadeamento *perigo NE não-precaução* está evocando a argumentação interna do vocábulo *imprudente*.

Neste tocante, interessa analisar que mesmo que a interdependência semântica condicione a relação de sentido que será estabelecida em um bloco semântico, o ato de evocar segmentos, a fim de que os mesmos formem um encadeamento argumentativo, não parece ser um processo alheio a fatores pragmáticos.

Ao tomarmos o encadeamento *perigo NE não-precaução*, partimos dos sentidos que os itens lexicais *perigo* e *precaução* têm na língua. A relação que estas duas entidades estabelecem por meio do conectivo *NE* resulta da descrição do vocábulo *imprudente*. Este, por sua vez, também tem uma representação para os enunciadores.

²⁰ Texto original: “*Si se quiere parafrasear una palabra, no se va a tomar una expresión en la que aparezca esta misma palabra.*”

CAPÍTULO 3 – A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS E O TEXTO

3.1 A relação entre a Teoria dos Blocos Semânticos e texto

Alguns trabalhos já têm se dedicado ao tratamento dos sentidos produzidos nos textos à luz da Teoria dos Blocos Semânticos²¹. Dentre aqueles que se consideram significativos, pode-se apresentar o trabalho desenvolvido por Elenice Andersen (2006) – *Fábulas e Parábolas: um esboço para interpretação de textos à luz da Teoria dos Blocos Semânticos*, o trabalho de Paula Ortmann (2010), *Por um estudo argumentativo da narrativa* e o trabalho de pesquisa desenvolvido por Telisa Graeff (2011), *Leitura argumentativa e polifônica de Amores possíveis: de onde brota o riso?*

3.1.1 Interpretação de Fábulas e Parábolas

O trabalho de Elenice Andersen, intitulado *Fábulas e parábolas: um esboço para a interpretação de textos à luz da Teoria dos Blocos Semânticos*, publicado em 2006, pode ser considerado como um exemplar de pesquisas iniciais, as quais buscaram relacionar Teoria dos Blocos Semânticos e análise de texto.

A proposta de Andersen (2006: 15) consiste em analisar textos à luz da Teoria dos Blocos Semânticos, investigando *quais as contribuições da TBS para o quadro interpretativo de textos*. Essas contribuições às quais a autora se refere levam em conta que o tipo de análise, feita a partir da terceira versão da TAL é consistente e escaparia aos olhos de um falante comum.

Tanto no título, quanto no interior do texto, a autora tenta apresentar a pesquisa como algo preliminar e que precisaria ser estudado com maiores detalhes em estudos futuros.

No decorrer do artigo, é possível perceber que a análise se concentra mais na descrição do sentido de palavras e enunciados, na tentativa de verificar qual o papel desempenhado por essas entidades linguísticas no quadro interpretativo dos textos.

²¹ Neste trabalho de pesquisa, assume-se a noção de texto a partir da Semântica Argumentativa. Logo, entende-se que a noção de texto está vinculada à noção de enunciado. Neste sentido, o enunciado é uma manifestação individual de linguagem a qual pode se tornar objeto de observação do linguista. Segundo Ducrot (1988; 164), “dizer que um discurso, considerado como um fenômeno observável, é constituído de uma sequência linear de enunciados, é fazer a hipótese de que o sujeito falante o apresentou como uma sucessão de segmentos em que cada um corresponde a uma escolha relativamente autônoma em relação à escolha de outros”. Logo, um texto, a partir desta linha, constitui-se de várias escolhas que o sujeito falante faz, as quais não culminam em um único enunciado e sim em vários enunciados.

Após apresentar uma descrição extensa acerca do percurso da Teoria da Argumentação na Língua, no âmbito dos estudos linguísticos e apresentar em detalhes a Teoria dos Blocos Semânticos, segundo postulada por Carel e Ducrot, Andersen (2006) analisa dois textos: uma fábula de Monteiro Lobato e uma parábola bíblica, extraída do Evangelho segundo Lucas.

Interessa notar que a escolha dos textos pela estudiosa poderia levar a crer que seriam investigadas as semelhanças e/ou diferenças quanto à moral da história, tanto no que diz respeito à fábula, quanto no que diz respeito à parábola, a partir das argumentações que tais textos evocam. No entanto, esse não é o cunho daquele trabalho de pesquisa, o qual se atém apenas a descrever palavras e enunciados. Desta forma, utilizar-se-á aqui o exemplo de descrição apresentada para o texto *O galo que logrou a raposa*, de Monteiro Lobato, exposto a seguir:

O galo que logrou a raposa

Monteiro Lobato

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: “Deixe estar, seu malandro, que já te curo!...” E em voz alta:

– Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

– Muito bem! – exclamou o galo. Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldade e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro, Dona raposa não quis saber de histórias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

– Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

O esboço de análise feito pela autora se dá a partir da segmentação do texto em partes. Os segmentos evocam uma argumentação. De acordo com a autora, então, a sequência que introduz o texto (*Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore*) evoca um encadeamento do tipo *perigo PT fugir*.

A passagem seguinte, a qual apresenta o desapontamento da raposa é descrita como *A raposa pretendia pegar o galo NE não pegou*. Segundo Andersen (2006), para se chegar a esses encadeamentos argumentativos, a descrição das qualificações do galo e da raposa teve papel argumentativo. Para tanto, a autora descreve as argumentações internas (AI) de *matreiro* e de *desapontada*

A AI de *matreiro* é condensada no encadeamento *esperto PT protegeu-se*. Logo, é esta argumentação que leva ao encadeamento *perigo PT fugir*. Já a AI de *desapontada* é *ter um objetivo NE não conseguir*. Essa argumentação também dá origem à argumentação que se segue, *a raposa pretendia pegar o galo NE não pegou*.

O restante do texto é segmentado em argumentações que evidenciam a voz da raposa, a voz do galo e a voz do locutor-narrador. Essas vozes são percebidas nas passagens em que a raposa utiliza de sua astúcia tentando convencer o galo de que não há perigo (*Não perigo PT não fugir*) e na sequência retoma o seu caráter de *matreiro* e enuncia que irá abraçar a raposa após a passagem dos cães (*vou abraçar logo a raposa NE vou esperar os cães*).

O encadeamento anterior evidencia uma ironia, tendo em vista que a atitude da raposa é fugir, descrito pelo encadeamento *a paz era mentira PT a raposa fugiu*. Logo, entende-se que a descrição de cachorro evoca a argumentação necessária para o desfecho da fábula, já que se *é um cachorro PT é inimigo da raposa*.

As considerações de Andersen (2006) acerca de *moral da história*, característica fundamental de fábulas e parábolas dão conta de que há apenas um indício de que a moral da história condensa uma argumentação, ou seja, constitui um bloco semântico. No caso do texto analisado, poder-se-ia ter uma argumentação do tipo *existem mentiras PT tem que ser sábio*

Contudo, por ser um texto preliminar, nota-se que as descrições apresentadas consistem mais em descrições da construção de sentido das palavras do texto do que do sentido do texto, propriamente dito.

3.1.2 Estudo argumentativo da narrativa

A dissertação de mestrado desenvolvida por Paula Ortmann (2010) tem como proposta investigar como a Semântica Argumentativa pode explicar o discurso considerado predominantemente narrativo.

Para tanto, a autora se respalda em uma concepção de texto narrativo, levando em conta Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) e Adam (1992, 2008). Tais referenciais fundamentaram as concepções epistemológicas acerca de narrativa, bem como estudos sobre a estrutura do texto narrativo.

A autora reforça em seu texto a base estruturalista e enunciativa que dá alicerces à Semântica Argumentativa, bem como descreve a Teoria dos Blocos Semânticos, destacando que por mais que esta versão da Teoria da Argumentação na Língua se dedique a comprovar que a argumentação está na língua, não há como “fechar os olhos” para o contexto extralinguístico, como se observa a partir da citação abaixo:

Todos os esforços da Teoria dos Blocos Semânticos convergem para comprovar a tese de que a argumentação está na língua e é construída pelo sentido linguístico. Contudo, essa perspectiva da linguagem não requer que se feche os olhos para o contexto extralinguístico, pelo contrário, no âmago da Semântica Argumentativa está a relação entre semântica e pragmática. (ORTMANN, 2010:42)

A autora segue apresentando as análises de quatro (4) textos narrativos, investigando se o sentido construído por esses é argumentativo. As análises feitas por Ortmann (2010: 46) levam em conta o entendimento de que o discurso narrativo é constituído pelas relações entre as palavras, os enunciados e os níveis dessa unidade discursiva, os quais são determinados como situação inicial, nó, re-avaliação, desenlace e situação final.

Os textos apresentados para análise neste trabalho foram: 1) A incapacidade de ser verdadeiro, de Carlos Drummond de Andrade (2006); 2) Uma história de Dom Quixote, de Moacyr Scliar (2002); Meus dois pedidos, de Luís Fernando Veríssimo (2008) e Tragédia brasileira, de Manoel Bandeira (1999). Das análises feitas por Ortmann (2010) desses textos, escolher-se-á àquela referente ao texto *A incapacidade de ser verdadeiro*.

A incapacidade de ser verdadeiro

(ANDRADE, Carlos Drummond de. A incapacidade de ser verdadeiro. In: SARMENTO, Leila. **Português: leitura, produção, gramática**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.)

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspidos fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de Lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o dr. Epaminondas abanou a cabeça:

- Não há nada a fazer, dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

O tratamento que Paula Ortmann dá aos textos toma como alicerces as noções de locutor (aquele que se dirige a alguém) e alocutário (leitor). Desta forma, locutor 1 corresponde à Dona Coló e locutor 2 corresponde ao médico.

Sob a perspectiva do locutor, Paulo é mentiroso. Esta ideia é descrita no decorrer do texto e evoca os seguintes encadeamentos discursivos: comportamento de *Paulo PT ser mentiroso*; *inventar histórias PT mentir*; *mentir PT ser punido*; *mentir pela segunda vez PT ser punido com mais severidade*; *punir PT solucionar problema*; *punir PT não solucionar o problema*; *mentir pela segunda vez PT ineficácia das punições*; *ineficácia das punições PT buscar outra solução*.

A perspectiva do locutor 2 se apresenta como um contraponto à argumentação inicial – *inventar história PT mentir*. O locutor 2 subverte as expectativas de locutor 1 e alocutário, apresentando as ideias que evocam tais encadeamentos: *inventar história PT não ser punido* e *inventar história PT fazer poesia*.

Ao final, a autora conclui que a história de Paulo deve ser avaliada sob duas óticas diferentes. Sob a ótica do locutor 1 (Dona Coló) e sob a ótica do locutor 2 (Dr. Epaminondas). Esses locutores assumem aspectos diferentes no mesmo bloco semântico que estabelece a relação entre *inventar história* e *obter resultado ruim*. Tal bloco é constituído pelos seguintes encadeamentos discursivos.

- 1) **inventar história PT obter resultado ruim**
(*mentir; inventar história que traz danos*)
- 2) **não inventar história PT não obter resultado ruim**
(*verdade*)
- 3) **não inventar história NE obter resultado ruim**
(*verdade que fere alguém*)
- 4) **inventar história NE não obter resultado ruim**
(*manifestação artística*)

Nota-se a partir da representação, que os encadeamentos descrevem o sentido de outras entidades linguísticas, as quais também representam o ponto de vista de diferentes locutores. O encadeamento 1 corresponde à descrição de *mentira*, ou seja, trata-se de um “*inventar história*” que traz danos a alguém. O encadeamento 2 descreve o sentido de *verdade*, em oposição ao encadeamento 3 que representa *verdade que fere alguém*, ou seja,

por mais que seja verdade, traz danos. Por fim, o encadeamento 4 descreve o sentido de *manifestação artística*, já que trata de um inventar história que não traz danos.

Na apreciação de Ortmann (2010), o encadeamento 1 (*inventar história PT obter resultado ruim*), que descreve *mentira*, corresponde ao ponto de vista do locutor 1. Já o encadeamento 4, que está em oposição ao 1, corresponde à contra-argumentação do locutor 2, o qual considera o caso de Paulo um caso de poesia.

Outro ponto destacado por Paula Ortmann diz respeito à estrutura interna da narrativa. Tomando como base o encadeamento discursivo, o qual desencadeou a narrativa, ou seja, a situação inicial (*inventar histórias PT mentir*), é possível compreender que o posicionamento do locutor 2 (*inventar histórias PT não mentir*) gera um desequilíbrio na história. O novo equilíbrio na história ocorrerá quando o locutor 2 solucionar a questão geradora de conflito, orientando para o fato de que o caso de Paulo é um caso de poesia (*comportamento de Paulo PT caso de poesia*).

Somando-se esta análise às análises seguintes, Paula Ortmann (2010) confirma que a partir das relações do bloco semântico, o locutor identifica os momentos de *equilíbrio*, *desequilíbrio* e *novo equilíbrio* em textos narrativos. Estes elementos da narrativa são descritos pelos aspectos **A PT B**, **A NE neg-B** e **A PT B**, em blocos semânticos diferentes.

O aspecto **A PT B** representa a situação inicial e/ou posicionamento de um locutor 1. A relação de desequilíbrio que deve ser gerada em uma narrativa é manifestada na voz de um locutor 2, que tem seu posicionamento na contra-argumentação, representada por **A NE neg-B**. Por fim, o desfecho ou novo equilíbrio é alcançado na representação de uma nova ideia, a qual fará parte de outro bloco semântico, mas ainda na voz do locutor 2.

Mesmo sendo um trabalho de grande relevância, a autora assegura que tais dados são apenas indícios de que os textos narrativos podem estar à luz de uma teoria argumentativa. Mesmo assim, esses indícios levam a crer que a narrativa é essencialmente argumentativa, assim como a organização interna desse tipo de texto apresenta uma regularidade no que tange à construção do sentido argumentativo.

3.1.3 Leitura argumentativa e polifônica de texto de humor

Telisa Furlanetto Graeff desenvolve um trabalho mais atual, no qual busca tratar da construção de sentido no texto, à luz da Teoria dos Blocos Semânticos, bem como da Teoria da Argumentação Polifônica de Carel e Ducrot (2010; 2011).

Em artigo cujo título é *Leitura argumentativa e polifônica de Amores possíveis: de onde brota o riso?*, publicado em 2011, Graeff busca explicitar como se constitui o humor em um texto narrativo, por meio da articulação entre a argumentação no texto e a estrutura polifônica do mesmo.

A apreciação feita da Teoria da Argumentação na Língua (TAL) reforça os alicerces estruturalistas e enunciativos de tal teoria. Interessantemente, são apresentadas duas teses inerentes a esta teoria: Uma segundo a qual os encadeamentos argumentativos constroem representações de mundo, outra que tais encadeamentos são restritos pela semântica das palavras. Esta ideia fica clara na citação a seguir:

incorporando o conhecimento construído pela Teoria dos Blocos Semânticos, [a Teoria da Argumentação na Língua] tenta conciliar duas teses: a primeira é que os encadeamentos argumentativos constroem por sua existência, representações do mundo de que se fala; a segunda é que tais encadeamentos são restritos pela semântica intrínseca das palavras utilizadas (descreve-se “*prudente*” por um encadeamento como *perigo donc*²² *precaução*), o que satisfaz o objetivo estruturalista da TAL, permitindo-lhe descrever as palavras não a partir de um conhecimento prévio da realidade, mas a partir de suas potencialidades discursivas. (GRAEFF, 2011: 349)

Sendo fiel à base teórica da TBS, Telisa Graeff afirma que tal teoria busca ser radical no entendimento de que elementos extralinguísticos não são constituintes da teoria. Entendimento com o qual a autora evidencia concordar. Para tanto Graeff (2011: 151) afirma que “*fica evidente, então, que o sentido ou a significação está construído por encadeamentos, e não por informações ou pensamentos*”.

Quanto à apresentação feita da Teoria Polifônica da Enunciação, desenvolvida por Carel e Ducrot (2010), a autora se atém a tratar da fase mais atual da teoria, a qual concebe o conteúdo como argumentativo.

Segundo Graeff (2011: 352), o enunciado tem um autor responsável pela introdução dos conteúdos (LOCUTOR), o qual introduz os conteúdos polifônicos e argumentativos dos enunciadores. Esses conteúdos são introduzidos como “maneiras de dizer”. Pode-se entender que as “maneiras de dizer” são de duas categorias: a atitude discursiva e a pessoa.

A “atitude discursiva” possibilita indicar o papel dado ao conteúdo. Essas atitudes podem ser de três tipos, levando-se em conta que o conteúdo pode ser posto, acordado ou excluído. Segundo Graeff (2011), Carel (2010) destaca que as atitudes do locutor devem ser

²² *donc* quer dizer *portanto*, em francês.

consideradas de caráter discursivo e não de caráter psicológico. Entende-se a partir desta afirmação, a tentativa de garantir à teoria a distância já mencionada dos aspectos externos.

No que se refere à categoria Pessoa, Graeff (2011) se refere a esta como “*os tons que podem ter num discurso os diferentes conteúdos, garantidos por diferentes Pessoas*”. Esta afirmação implica em dizer que além do discurso ser constituído por um conteúdo argumentativo, representado pelos encadeamentos, enunciado por um locutor, o qual tem uma atitude discursiva, este locutor assume uma voz. A Pessoa, então, é uma instância marcadora da voz do locutor no discurso.

As Pessoas, na Teoria Polifônica da Argumentação podem marcar cinco tipos de vozes: Locutor (L), interlocutor (I), opinião pública (SE), Mundo e IL (ELE). As duas últimas categorias de vozes apresentadas representam, respectivamente, a voz dos fatos da história (Mundo) e a voz do ausente, mais fraca que a voz do mundo (IL).

Graeff (2011) utiliza os seguintes exemplos para explicar esta distinção: “*Parece que vai chover*” e “*Vai fazer bom tempo hoje*”. O primeiro exemplo identifica a voz de IL, sendo o conteúdo posto. O segundo exemplo apresenta um conteúdo posto, na voz ou de L ou do Mundo. Nota-se que o primeiro exemplo apresenta caráter de dúvida, apresentando nitidamente fraqueza na exposição do conteúdo. O segundo enunciado se apresenta com mais segurança, caracterizando a voz de um locutor ou da instância Mundo.

Além dessas Pessoas garantirem os conteúdos, interessa notar que cabe a elas compor o modo de aparição dos conteúdos. De acordo com Graeff (2010:353), ao Mundo compete o modo “encontrado”, o qual permite ao locutor identificar o conteúdo como achado, à voz ausente (IL) cabe o modo “recebido”, o qual permite ao locutor descomprometer-se, quanto ao conteúdo, já que foi recebido por outro. Em derradeiro, ao locutor cabe o modo “concebido”. Este permite ao locutor engajar-se.

Desta forma, a Teoria Polifônica da Argumentação diferencia a atitude discursiva do locutor sobre o conteúdo do texto, apresentado como posto, acordado e excluído do modo de aparição desse conteúdo no discurso, que pode ser encontrado, recebido ou concebido.

A análise feita por Telisa Graeff é considerada uma análise argumentativa e polifônica do humor em uma narrativa. O intuito da pesquisadora é investigar o mecanismo semântico-argumentativo que provoca o humor na narrativa.

Para que este intuito seja concretizado, a autora adota alguns procedimentos de análise. Estes levam em conta que: 1) O texto deve ser dividido em trechos, desde que tais

trechos contenham discurso argumentativo; 2) De cada trecho deve ser evocado um encadeamento argumentativo e explicitado por um aspecto, o qual será considerado pela autora um “motivo” argumentativo; 3) Deve ser verificada a atitude do locutor diante dos conteúdos, ou seja, verificar se o locutor põe, concorda ou rejeita os conteúdos, bem como, é intenção neste tipo de análise verificar o modo de aparição dos conteúdos. Se estes são concebidos, encontrados ou recebidos.

Vale salientar que como o objetivo da pesquisadora é descrever como se constitui o humor no texto, ela leva em conta a atitude do locutor e o modo de aparição dos conteúdos.

O texto utilizado pela autora é *Amores possíveis*, de José Roberto Torero, exposto a seguir:

Amores possíveis

José Roberto Torero

Margarida, prostituta, apaixonou-se por um de seus clientes, Rosemiro. Para seu amado freguês, Margarida fazia o que de melhor sabia em sua profissão. Rosemiro acabou por apaixonar-se. Margarida, para expressar seu amor, decidiu não mais cobrar de Rosemiro. Rosemiro, para demonstrar sua paixão, queria pagar em dobro. Os dois ficaram muito ofendidos. Margarida diz que ele só pensa em dinheiro. Rosemiro diz que ela só pensa em sexo.

Para a análise, a autora divide o texto em cinco (5) trechos: O trecho 1 “*Margarida , prostituta, apaixonou-se por um de seus clientes, Rosemiro. Para seu amado freguês, Margarida fazia o que de melhor sabia em sua profissão*”; trecho 2 “*Rosemiro acabou por apaixonar-se*”; trecho 3 “*Margarida, para expressar seu amor, decidiu não mais cobrar de Rosemiro*” ; trecho 4 “*Rosemiro, para demonstrar sua paixão, queria pagar em dobro*” e trecho 5 “*Os dois ficaram muito ofendidos. Margarida diz que ele só pensa em dinheiro. Rosemiro diz que ela só pensa em sexo*”.

Tais trechos evocam os seguintes encadeamentos: trecho 01, *apaixonar-se PT dar o melhor de si*; trecho 02, *amar PT ofertar* (AE de apaixonar-se); trecho 03, *amar PT não cobrar mais*; trecho 04, *amar PT pagar em dobro*.

Até o trecho 4, tem-se a representação do amor doação, que identifica a voz do Mundo, evidenciado para os quatros trechos o aspecto *amar PT ofertar*

No entanto o trecho 5 (Os dois ficaram muito ofendidos. Margarida diz que ele só pensa em dinheiro. Rosemiro diz que ela só pensa em sexo.) gera dois julgamentos argumentativos. Um descrito por *amar PT não cobrar*, que para Rosemiro descreve “*pensar somente em sexo*”, distanciando-se do amor doação. Outro descrito por *amar PT pagar em dobro*, que no entendimento de Margarida descreve “*pensar somente em dinheiro*”.

De acordo com Graeff (2011), nas duas argumentações, são excluídos os conteúdos argumentativos de *prostituta* e *cliente*, já que a AI de *prostituta* é *ser profissional do sexo PT receber pelo trabalho* e a AI de *cliente* é *precisar de serviço PT pagar pelo serviço*.

No entanto, a argumentação interna (AI) influencia o conteúdo de “*pagar em dobro*” e de “*não cobrar*”. Isto ocorre, tendo em vista que “*pagar em dobro*” reitera a condição de cliente, assim como “*não cobrar*” reitera o gosto pelo que faz.

Esses dois conteúdos novos surpreendem o leitor, acostumado a AE de amar: *amar PT ofertar*. Desta forma, considera-se que os dois personagens influenciam os conteúdos argumentativos. O riso brota, então, do contraponto entre agrado (presença do amor) encarado como ofensa (ausência do amor).

Logo, nota-se que a discussão acerca do tratamento dado pela TBS à análise de texto tem se tornado cada vez mais consistente. Trata-se de uma possibilidade já apontada por pesquisadores, os quais evidenciam que os enunciados produzidos nos textos podem ser tratados como argumentações.

Vale ressaltar que os apontamentos feitos por Andersen (2006) dão conta de que por meio da descrição de certos enunciados e certas palavras, é possível descrever o sentido do texto como um todo.

Também é relevante a contribuição de Ortmann (2010), a qual comprovou que o discurso considerado predominantemente narrativo é construído argumentativamente. Este seria mais um indício de que quaisquer tipos de textos podem ser analisados à luz da Teoria dos Blocos Semânticos.

Graeff (2011), por meio de estudos mais atuais acerca da relação que se pode estabelecer entre análise de texto e a TBS, destaca a questão de que conteúdos argumentativos se constituem também, a partir da atitude do locutor diante do conteúdo. Evidencia-se um tratamento do texto que relaciona aspectos argumentativos e polifônicos.

Logo, a partir desta percepção, tem-se uma análise textual a qual pauta-se na análise semântica dos enunciados, bem como na atitude dos enunciados, na forma como os conteúdos são assegurados por esses enunciadores, e por fim na forma como os conteúdos são construídos argumentativamente.

No que diz respeito à articulação entre análise semântica e análise textual, Carel (2011) compreende ser necessário que a análise semântica se sustente sobre uma análise textual, tendo em vista que a estrutura textual mantém articulações próprias. Logo, a organização de um texto favorece a construção de determinadas argumentações e ou sentidos, como se observa a seguir:

a análise semântica deve se apoiar sobre a análise textual. As palavras dos enunciados não são sempre suficientes para determinar o sentido do enunciado, e é, então, o texto, com sua organização geral (por exemplo, moral e relato), com sua capacidade de ter partes com estatutos diferentes, em nome de sua própria natureza de texto, que sustentam a interpretação semântica de seus enunciados. (2011, p 197)

Desta forma, torna-se evidente que o estudo dos sentidos construídos no texto tem respaldo para ser tratado por meio da Teoria dos Blocos Semânticos. O texto consiste em uma entidade linguística capaz de ser analisada segundo suas especificidades, ou seja, segundo a orientação de um sentido global, bem como segundo atitude discursiva do locutor.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA E ANÁLISE DE TEXTOS

Tendo em vista que Ducrot (2005: 29) sustenta que, de acordo com a TBS, o sentido de uma expressão qualquer, seja ela uma palavra ou um enunciado está constituído pelos discursos que essa expressão evoca, entende-se que os sentidos construídos nos textos também partem das argumentações evocadas pelo próprio texto.

Desta forma, o objetivo principal desse trabalho de pesquisa é investigar a construção de sentidos em textos à luz da Teoria dos Blocos Semânticos, procurando identificar se o sentido de qualquer entidade linguística pode ser descrito por encadeamentos argumentativos.

Levando em conta que, inicialmente, a TBS se prestava à descrição do sentido de palavras e enunciados, como fora apresentado na descrição dos trabalhos de Carel e Ducrot (2005), bem como que alguns estudiosos, tais quais Andersen (2006), Ortamann (2010) e Graeff (2011) já se debruçaram sobre a descrição dos sentidos nos textos, este trabalho de pesquisa se dedicará a analisar textos de diferentes naturezas .

Nesse intuito, extraíram-se textos publicados na internet, no jornal Folha de São Paulo online, na revista Superinteressante e em blogs. A coleta dos textos levou em conta a diversidade de textos , a fim de compor um *corpus* que pudesse oportunizar a análise de textos diferentes quanto à estrutura organizacional e conteúdo composicional.

O *corpus* deste trabalho é composto por quatro textos. Será um estudo de alguns casos, os quais poderão apontar indícios acerca da hipótese inicial, segundo a qual qualquer tipo de texto pode ser descrito por encadeamentos argumentativos.

O texto 1 é uma crônica e foi publicada em janeiro de 2012, no site do jornal Folha de São Paulo, com o seguinte título: “*Menos a Luiza*” é uma idiotice? O texto 2 também foi extraído da internet. Trata-se de um manifesto. No entanto, não está relacionado a nenhum veículo de comunicação de massa, mas sim a um grupo ou movimento social. Foi publicado no segundo semestre de 2010, como nota do movimento em relação ao posicionamento dos candidatos à presidência, na época, acerca do aborto. O texto 3 trata-se de uma carta de amor e o texto 4 é um comentário feito em um blog

Os textos serão tratados à luz da Teoria dos Blocos Semânticos, em consonância com as discussões suscitadas por Marion Carel e Oswald Ducrot (2005). Levando em conta as bases teóricas que sustentam tal teoria, será dada prioridade para a construção dos sentidos

evocados pelos enunciados do próprio texto, tendo em vista que se compreende que os discursos evocados são constitutivos do entendimento global do texto.

Logo, os textos serão segmentados em passagens que evoquem encadeamentos argumentativos. Buscar-se-á identificar a construção dos sentidos argumentativos produzidos nas passagens. Desta forma, sob a perspectiva da TBS, será observado como tais encadeamentos relacionam-se na constituição de uma argumentação global do texto, a partir da construção de blocos semânticos.

Ressalta-se que a diferença entre os tipos de texto levará a se tomar como respaldo teórico todos ou apenas alguns conceitos da TBS, sejam eles adequados para o tipo de texto ou não. Isto implica em dizer que conceitos como encadeamento, aspecto, argumentação interna e argumentação externa serão utilizados conforme o texto em análise. Estes serão combinados nas análises, conforme as especificidades linguísticas e enunciativas de cada texto.

4.1 CRÔNICA

"Menos a Luiza" é uma idiotice?

Gilberto Dimenstein

Provavelmente Luiza é a primeira brasileira que virou celebridade nacional não por ter aparecido. Mas justamente por não ter aparecido. Foi alvo apenas de uma menção num comercial de um empreendimento imobiliário na Paraíba. Assim virou hit na internet. É uma idiotice? Não: essa brincadeira é um assunto sério.

Tão sério que mereceria um estudo aprofundado sobre como funcionam os meios de comunicação na era da internet. Um comercial de empreendimento imobiliário na Paraíba vira assunto nacional e faz da ausente Luiza uma celebridade. E, agora, ao voltar ao Brasil, desfila entre os famosos. São regras novas de difusão de informação, que os comunicadores não conhecem e não cansam de se surpreender.

Luiza também é reflexo de que como está se aprofundando o que muitos já chamam da era das celebridades. Gente que não faz nada ou quase nada --personagens do BBB, por exemplo-- e viram assuntos em todos os lugares. Não é só que viram assunto: suas opiniões são levadas em consideração e ocupam cada vez mais espaço. Talvez seja em parte reflexo da falta de interesse em assuntos coletivos?

O fato é que 'Menos Luiza' é qualquer coisa. Menos uma idiotice.

A coisa está tão grave que até aqui nesta coluna Luiza apareceu.

O texto argumentativo “Menos Luiza é uma idiotice?” é construído a partir da representação do que é uma *celebridade nacional* e de *hit da internet*. Logo, o primeiro parágrafo possibilita a construção dos sentidos evocados pelo texto para essas representações.

Inicialmente, é apresentado o fato de Luiza ter virado celebridade nacional sem aparecer. Esse discurso evoca o encadeamento *ser celebridade nacional PORTANTO aparecer*. Em seguida, estabelece-se uma relação argumentativa com o próximo enunciado, introduzido pelo conectivo *mas* que orienta para o fato de Luiza não se enquadrar nos moldes do encadeamento anterior. Isso pode ser percebido, a partir do seguinte discurso evocado *ser celebridade nacional NO ENTANTO não aparecer*.

Ainda no primeiro parágrafo, é evocado o encadeamento que relaciona o sentido de “*hit na internet*” e o vocábulo “*idiotice*”. A descrição de como Luiza tornou-se uma celebridade, sem aparecer, culmina no fato de virar um Hit, a ponto do Enunciador 1 instaurar um novo Enunciador, ao indagar se o fato é uma idiotice.

Nota-se que ao indagar sobre tal fato, o Enunciador 1 evoca discursos, os quais podem ser representados pelo encadeamento *hit na internet PORTANTO idiotice*. Esse encadeamento poderia descrever o sentido de “Menos Luiza”, se o Enunciador entender que Hits são idiotices.

No entanto, o enunciador se antecipa em enunciar a negativa e defende a tese de que não se trata de uma brincadeira e sim de um assunto sério, como se sistematiza no encadeamento *hit na internet NO ENTANTO assunto sério*²³.

O próximo parágrafo sustenta a fato de que o assunto é sério, a ponto de merecer aprofundamento. Logo, evoca-se o encadeamento *assunto sério PORTANTO merecer estudo aprofundado sobre os meios de comunicação*. As construções posteriores retomam a questão que relaciona uma celebridade ao ato de aparecer e à ausente Luiza virar celebridade: *estar ausente NO ENTANTO virou celebridade*. Essa constatação é confirmada pelo fato de Luiza estar entre pessoas famosas, ao voltar para o Brasil.

Os sentidos evocados a partir das construções culminam em uma nova informação/constatação feita pelo locutor. A realidade que se apresenta, atrelada aos hits da internet faz parte de processo novo de difusão de informações, desconhecido para comunicadores e que ainda causa surpresa. Este enunciado evoca o seguinte encadeamento: *comunicadores não conhecem as novas regras de comunicação PORTANTO não cansam de se surpreender*.

O terceiro parágrafo do texto destaca que Luiza é fruto de uma chamada “era das celebridades”. Esse enunciado dá base para se estabelecer considerações sobre o que é celebridade atualmente, reconhecidas das seguintes argumentações externas:

(1) AE (celebridade): *ser gente que não faz nada ou quase nada NO ENTANTO ser celebridade*

Essa argumentação externa torna possível a construção de outros encadeamentos evocados pelo texto, os quais descrevem *ser gente que não faz nada ou quase nada*, em consonância com a descrição de celebridade. São eles:

²³ É possível compreender que o encadeamento *hit na internet NE assunto sério* faz parte do mesmo bloco semântico que o encadeamento *hit na internet PT idiotice*, tendo em vista que *assunto sério* é tratado como negação de *idiotice* e vice-versa.

(2) *ser gente que não faz nada ou quase nada NO ENTANTO virar assunto em todos os lugares;*

(3) *ser gente que não faz nada ou quase nada NO ENTANTO ter opinião levada em consideração.*

As argumentações externas de *celebridade*, ao se relacionarem, compõe um cenário enunciativo no qual o encadeamento (1) motiva a construção de sentido dos encadeamentos (2) e (3). Entende-se que o encadeamento *ser gente que não faz nada ou quase nada NO ENTANTO ser celebridade* aponta para demérito das celebridades, quando se entende que elas não fazem algo realmente digno de ser apreciado.

Após essa construção de sentido, tanto o encadeamento (2), quanto o encadeamento (3) podem e devem produzir sentidos que apontem para uma representação discursiva negativa das celebridades.

Não obstante, o locutor instaura novamente um novo enunciador ao destacar, por meio da pergunta “*Talvez seja em parte reflexo da falta de interesse em assuntos coletivos?*” que o interesse por celebridades pode se dar em função do desinteresse por assuntos coletivos: *interesse por gente que não faz nada PORTANTO não interesse por assuntos coletivos.*

No penúltimo parágrafo, o locutor remete à tese inicial e a confirma, como se observa, por meio do encadeamento argumentativo “*Menos Luiza*” *PORTANTO não idiotice.*

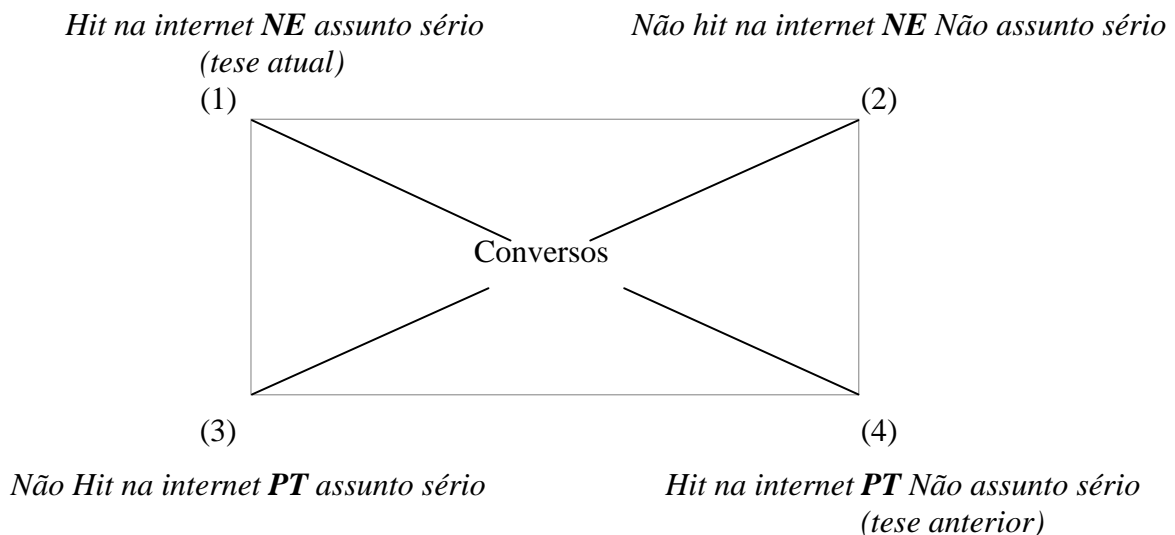
O fechamento do texto se dá por meio de outra confirmação da tese. O Enunciador destaca que cenário em que se insere o hit “Menos Luiza” deve ser tratado como assunto sério, já que até na sua coluna o assunto foi abordado. Logo, é evocado o encadeamento: *Luiza apareceu na coluna PORTANTO a coisa está grave.*

Interessa notar que o argumento do locutor foi reforçado pelo efeito argumentativo de *até*, como se observa em “A coisa está tão grave que *até* aqui nesta coluna Luiza apareceu.”

O vocábulo *até* introduz um argumento mais forte de uma escala, o de que os hits da internet recebem atenção do público em geral, bem como do locutor. Não se pode deixar de notar a representação e o efeito discursivo que se cria, a partir do enunciado. O locutor, ao mesmo tempo em que se inclui no rol de pessoas que dão atenção aos hits, se exclui, evocando a representação de que não se submete a modismos, ao tratamento de celebridades como pessoas que mereçam atenção, por se tratar de um intelectual que escreve para uma coluna de jornal respeitável nacionalmente.

Ao se retomar a tese inicial do texto, nota-se que um enunciador E1 é instaurado no primeiro parágrafo a fim de responder se o assunto em questão é uma idiotice. Logo, depreende-se que a tese inicial do texto supõe que *o assunto é um hit da internet, PORTANTO não é um assunto sério*.

Contudo esta tese é confirmada pela afirmação de que *o assunto é um hit da internet NO ENTANTO é um assunto sério*. Esta afirmação é oriunda da opinião de um enunciador E2, o qual apresenta esta nova tese. Essas relações evidentes de uma sequência argumentativa²⁴ do tipo dialogal, na qual há a contra-argumentação, ficam claras na formalização do bloco semântico, constituído da relação entre *Hit na internet* e *assunto sério*:



Quadro 6 – Quadrado argumentativo das relações entre *hit na internet* e *assunto sério*.

Fonte: Autor (2012)

Percebe-se que o ângulo 1 representa a nova tese ou tese de E2, segundo a qual trata-se de um hit da internet, no entanto é um assunto sério. Este ângulo é converso ao ângulo 4, o qual representa a tese anterior ou a tese de E1. Segundo este por tratar-se de um hit da internet não é um assunto sério. A conversão exemplifica, então, o processo de contra-argumentação,

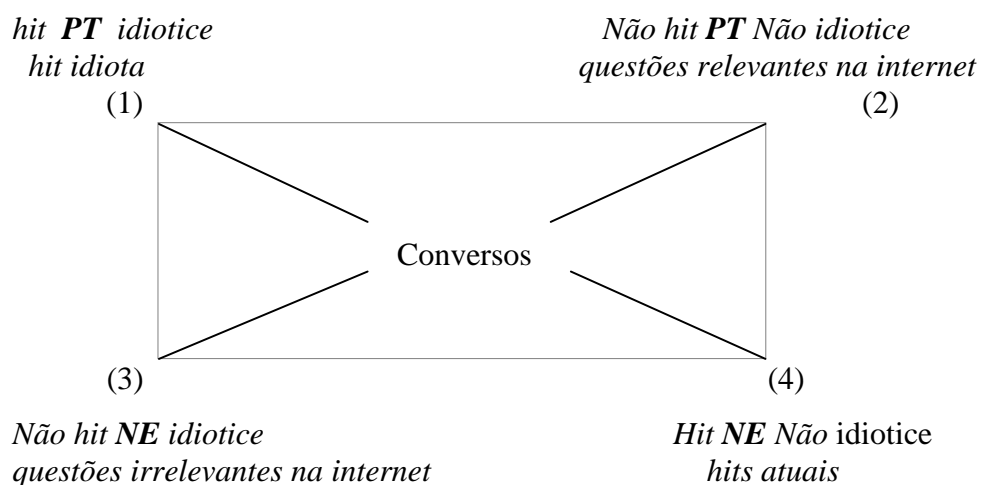
²⁴ De acordo com Jean-Michel Adam (2008), quanto ao estudo de tipos de textos, as sequências textuais são unidades textuais complexas, organizadas a partir de uma rede de ligações. Neste tocante, Adam sustenta que as sequências textuais são constituídas de combinações pré-formatadas de proposições. Esses construtos representam cinco tipos distintos de relações macrossemânticas. Dentre estas, as sequências argumentativas são caracterizadas por duas atitudes: **demonstrar-justificar** uma tese e **refutar** uma tese. Estes movimentos constroem níveis diferentes: justificar e contra-argumentar. Adam (2008) esquematiza que a sequência argumentativa é representada como uma sucessão, o qual o próprio autor julga não ser necessariamente estanque, a qual se inicia por uma tese anterior. A partir dela, seguem-se: Dados/fatos, apoio (princípios base), restrição e conclusão ou nova tese.

sendo o encadeamento (1) a tese atual e o encadeamento (2) a tese anterior. O fato de teses opostas estarem no mesmo bloco se deve a polifonia do texto, às visões de diferentes enunciadorees acerca do assunto tratado.

A tese anterior apresenta que se algo vira hit na internet não deve se tratar de um assunto sério. Já a tese atual, utilizando-se da transgressividade evidencia que mesmo sendo hit na internet o assunto em questão é sério. A construção dessas argumentações levará ao entendimento do que representa “Menos Luiza” nos dias atuais.

Para defender a nova tese, exposta no ângulo 1 do quadro 6, apresenta-se como representação o encadeamento evocado do texto *estar ausente NO ENTANTO virar celebridade*. Logo, o enunciador procura estabelecer a noção de celebridade. Novamente é convocado E1, como representação do que significa no senso comum ser celebridade. Nesse tocante, *ser celebridade é, portanto ser gente que não faz nada ou quase nada, bem como ser celebridade é virar assunto em todos os lugares*.

Utilizando-se do procedimento argumentativo da restrição, E2 enfatizará o que vem a ser uma celebridade, sob o seu ponto de vista. Segundo E2, ser celebridade significa ter opinião levada em consideração. Este ponto dará base para a consideração feita pelo E2. Segundo este, dada a descrição do que vem a ser uma celebridade e da importância que a ela é dada na sociedade atual o Hit “Menos Luiza” pode ser tudo menos uma idiotice. Esta conclusão leva a construir o encadeamento que reforça a tese atual – *hit NO ENTANTO não idiotice*.



Quadro 7 – Quadrado argumentativo das relações entre *hit* e *idiotice*.
Fonte: Autor (2012)

Conforme o quadro argumentativo apresentado, é possível fazer descrições acerca da tese atual e dos encadeamentos que com ela mantém uma interdependência semântica. Levar-se-á em conta que tais encadeamentos refletem o universo dos meios de comunicação de massa, como o próprio texto prevê. Desta forma, cada encadeamento disposto em um ângulo específico representa um ponto de vista sobre o universo da internet.

O ângulo 1 aponta o encadeamento *hit PORTANTO idiotice*. Tal encadeamento descreve o ponto de vista de uma parte dos alocutários que acredita que independente do que as celebridades façam, aquilo que elas promovem deve ser tratado como idiotice, ou seja, *hits são coisas idiotas*. Pode-se dizer que se trata de um ponto de vista tradicional.

No ângulo 2, há o encadeamento *não hit PORTANTO não idiotice*. Este coloca em questão o posicionamento de um enunciador que acredita que não sendo hit na internet, não será idiotice também. A relação entre os segmentos possibilita a descrição de *há questões relevantes que são expostas na internet*.

O ângulo converso a esse, ângulo 3, orienta para o fato de que mesmo não sendo hit trata-se de uma idiotice. Fica claro, por meio desse encadeamento que não somente os hits são idiotices. Há *questões que não são hits, mas também são irrelevantes na internet*.

Por fim, o ângulo 4 revela a manutenção da tese atual do texto, segundo o qual *hit NO ENTANTO não idiotice*. Este encadeamento representa o ponto de vista do enunciador que destaca que mesmo se tratando de algo estigmatizado pela sociedade, cada dia mais *os hits tornam-se assuntos sérios, a ponto de não serem mais idiotices*.

A descrição dos sentidos dos encadeamentos evocados do texto destacou que no texto argumentativo, no qual há a contra-argumentação como procedimento, as teses contrárias compõem o mesmo bloco semântico, bem como se relacionarão com outros pontos de vista.

À luz da TBS é possível não somente analisar as teses contrárias, como também evidenciar outras, as quais fazem parte do bloco semântico e mantém neste uma relação de interdependência. Além disso, a descrição da tese é favorecida pela construção dos sentidos dos outros pontos de vista.

4.2 MANIFESTO

Nota do movimento nacional da cidadania pela vida – Brasil sem aborto sobre as eleições 2010 e a questão do aborto

O Movimento Nacional da Cidadania pela vida – Brasil Sem Aborto, de natureza supra partidária e supra-religiosa, com sede nacional em Brasília, neste momento extremamente importante para o futuro do nosso país, vem a público manifestar sua preocupação com o oportunismo político com que está sendo tratada a questão do aborto, nestas eleições.

É estarrecedor que algo tão importante como a defesa da vida, desde a concepção, seja tratado sem a devida explicitação do posicionamento de cada candidato à Presidência da República, aos governos de Estado, ao Senado Federal e à Câmara dos Deputados. Entendemos que a coerência e a clareza de posicionamento, não só nesta conjuntura eleitoral, deva prevalecer junto aos eleitores brasileiros. Não podemos aceitar que candidatos que manifestaram publicamente, com palavras e ações, posicionamento pela descriminalização do aborto venham agora silenciar sobre suas posições ou declarar-se agora contra o aborto de maneira oportunista, ambígua e eleitoreira, visando confundir os eleitores.

Quem efetivamente é contra o aborto não teme posicionar-se claramente contra a sua legalização ou descriminalização, por entender que o direito à vida é o mais fundamental de todos os direitos humanos.

Para contribuir para essa clareza de posicionamento, o Movimento Nacional da Cidadania pela Vida – Brasil Sem Aborto lançou desde o início desta campanha eleitoral a CAMPANHA NACIONAL GOVERNOS E PARLAMENTOS PELA VIDA com o slogan “A VIDA depende do seu VOTO” com o objetivo de identificar os candidatos e candidatas que tem posição contra a legalização do aborto em nosso país e que queiram assinar “Termo de Compromisso” com firma reconhecida em cartório tendo os seus nomes inscritos numa lista por Estado, no site www.brasilsemaborto.com.br

Entendemos que os eleitores brasileiros não podem ficar à mercê dos “lobos vestidos com pele de cordeiro” cuja intenção é GANHAR VOTOS para vencer as eleições e, depois de empossados, mostrar a sua verdadeira face no apoio à cultura de morte que tem como objetivo no governo federal, estadual ou no Congresso Nacional estabelecer políticas de incentivo à prática do aborto no SUS e na articulação para descriminalizá-lo e aprovar uma legislação que o legalize em nosso país, tal como consta no PNDH-3 e no recentemente acordo internacional assinado pelo governo brasileiro denominado de “consenso de Brasília”.

Por que LEGALIZAR a Morte quando queremos Vida?

Brasília, 30 de setembro de 2010.

O texto intitulado Nota do Movimento Nacional da Cidadania pela Vida – Brasil sem aborto inicia apresentando as características do Movimento. Para tanto, julga-se um movimento de ordem “supra partidária” e “supra religiosa”. Essas duas informações são basilares para a construção do texto, já que implicam no sentido que o enunciador quer construir acerca do Movimento Nacional. Nesse sentido, pode-se pensar nas seguintes argumentações: *ser supra partidária PORTANTO estar acima de interesses políticos; ser supra religiosa PORTANTO estar além de interesses religiosos.*

Logo os encadeamentos evocados, a partir da descrição do sentido dos vocábulos “supra partidário” e “supra-religiosa”, levam a evocar outro enunciado: *ser um Movimento Nacional PORTANTO não estar vinculado a interesses políticos e religiosos.* Não estar vinculado a interesses políticos e religiosos remete à noção de imparcialidade. Para tanto, pode-se construir o seguinte encadeamento, a partir do enunciado exposto: *movimento nacional PORTANTO imparcialidade político partidária.*

Em consonância com os encadeamentos evocados, o enunciador articula o segmento que continua a construir a imagem ou identidade do movimento, segundo o qual *vem a público manifestar sua preocupação com o oportunismo político.* Esse enunciado pode ser descrito pelo encadeamento: *movimento nacional PORTANTO manifesta opinião publicamente.*

Não obstante essa construção de imagem positiva, a sequência seguinte se dedica à apresentação das atitudes consideradas oportunistas pelo enunciador. Neste caso, candidatos políticos que se posicionaram contra o aborto em primeiro momento, não explicitaram seus posicionamentos no momento da eleição. Esse enunciado será basilar para a construção da tese, descrita pelo seguinte encadeamento *candidatos não explicitaram seu posicionamento PORTANTO são candidatos oportunistas.*

O apoio desta tese é apresentado pelo enunciador a partir de enunciados que dão conta de que quem é realmente contra o aborto não teme posicionar-se publicamente. Logo, é evocado o seguinte encadeamento: *ser contra o aborto PORTANTO posicionar-se claramente.*

A fim de construir a imagem de candidatos ideais e desconstruir a imagem dos candidatos oportunistas, o enunciador sugere uma campanha, a partir da qual os candidatos devem deixar claros seus posicionamentos quanto à questão do aborto. Desta forma, os candidatos assinam termos de compromisso, explicitando seus posicionamentos. Podemos

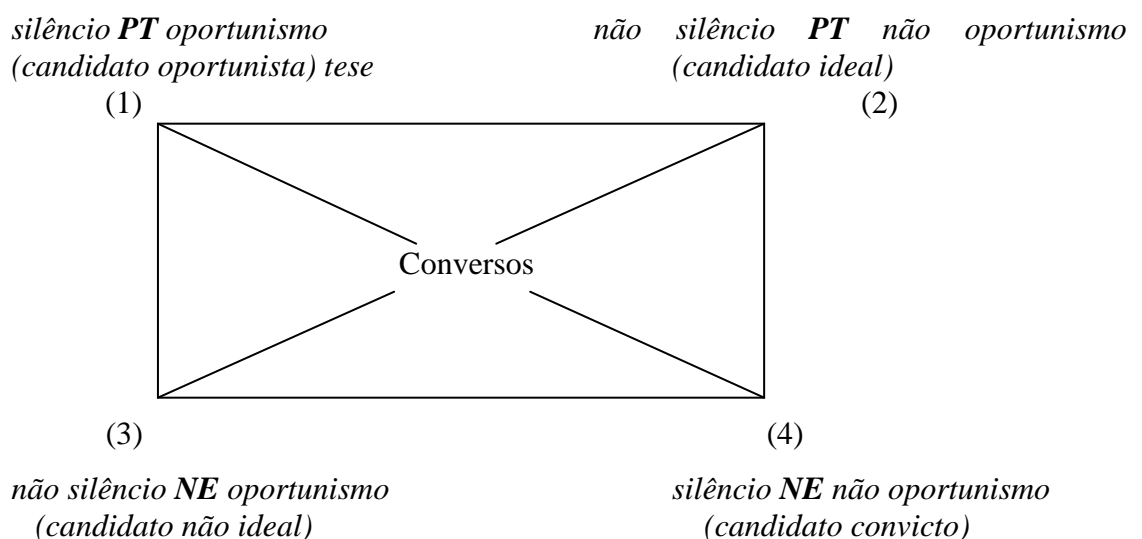
notar que o enunciado evoca o encadeamento *assina termo de compromisso PORTANTO tem clareza de posicionamento* .

No quinto parágrafo, o enunciador se detém a desconstruir a imagem de candidatos oportunistas, os quais ele denomina como “lobos vestidos em pele de cordeiro”. A fim de compreender essa denominação, pode-se descrevê-la a partir de suas argumentações externas:

- (1) *Ser lobo em pele de cordeiro PORTANTO querer votos para vencer as eleições*
- (2) *Ser lobo em pele de cordeiro PORTANTO apoiar a cultura da morte*
- (3) *Ser lobo em pele de cordeiro PORTANTO estabelecer políticas de apoio a prática do aborto*
- (4) *Ser lobo em pele de cordeiro PORTANTO legalizar o aborto*

Logo, a campanha se faz necessária a fim de descobrir quais são os candidatos ideais e quais são os candidatos não ideais. Contudo, os encadeamentos evocados a partir dos enunciados que sintetizam a tese, o apoio da tese e a conclusão do texto apresentarão não só esses dois tipos de candidatos, como outros dois modelos de candidatos.

Não resta dúvida que o texto quer destacar que o candidato ideal é aquele que não legaliza o aborto. De acordo com a construção do bloco semântico que leva em conta a *tese* defendida pelo texto, segundo a qual os candidatos que se mantém em silêncio, quando se trata da questão do aborto, são candidatos oportunistas, evoca-se o encadeamento **silêncio PORTANTO oportunismo**. A partir desse encadeamento, é possível notar a construção de outros três encadeamentos, conforme o bloco semântico abaixo exposto:



Quadro 8 – Quadrado argumentativo das relações *silêncio e oportunismo*.
Fonte: Autor (2012)

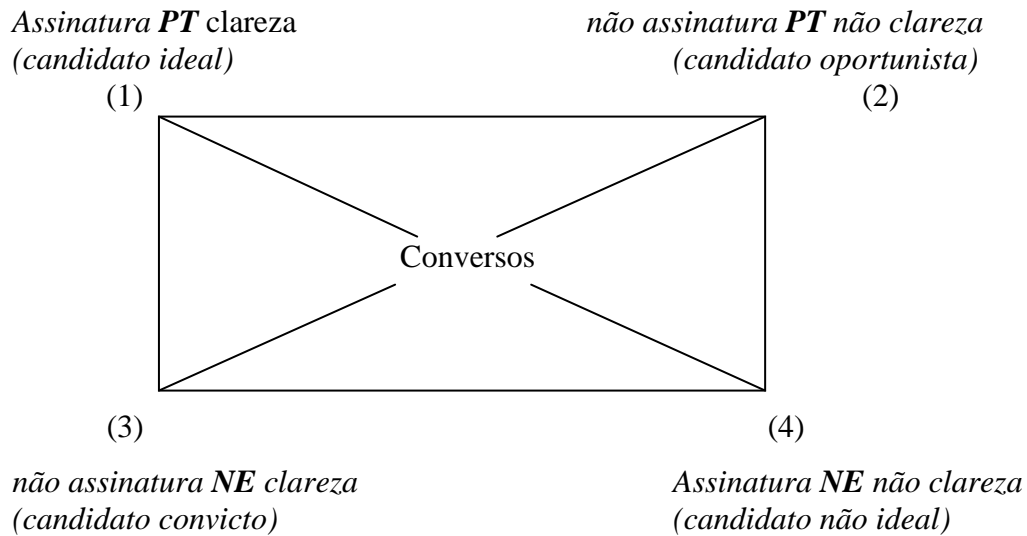
A descrição acima dá conta da construção da imagem de quatro tipos de candidato. O ângulo 1 (*silêncio PT oportunismo*) descreve a tese do texto, ou seja, o sentido de candidato oportunista. O encadeamento recíproco a esse, isto é, o que encontra-se no ângulo 2 (*não silêncio PT não oportunismo*) descreve o sentido de um candidato ideal – aquele que não silencia, que explicita seu posicionamento, portanto não é oportunista.

No ângulo 3 (*não silêncio NE oportunismo*), converso ao ângulo 2 apresenta-se a descrição de um candidato que não silencia, expõe-se, no entanto é oportunista. Trata-se de um candidato que forja uma situação, a fim de mostrar boa figura diante dos eleitores. Descreve-se esse candidato como *candidato não ideal*.

No último ângulo do quadrado semântico, é apresentado o encadeamento *silêncio NE não oportunismo*. Tem-se, a partir deste encadeamento a descrição do sentido de um tipo de candidato que mesmo não se expondo, não o faz por oportunismo, mas sim por convicção quanto a seu posicionamento, ou seja, o candidato que não tem o que temer, pois confia em sua conduta. Trata-se de um *candidato convicto*

Nota-se, então que a tese defendida no texto pode ser descrita por um encadeamento argumentativo, e esta evoca outros sentidos, que mantém com ela a interdependência semântica. Estes sentidos são as descrições de outros tipos de candidatos.

Outro procedimento do texto argumentativo é o apoio. O texto analisado apresenta como apoio da tese a ideia de que *Assinar o termo de compromisso criado pelo Movimento garante clareza de posicionamento*. Sendo assim, tal apoio pode ser descrito por *Assinatura PORTANTO clareza*. Como se espera de um apoio, ele sustentará a descrição dos tipos de candidato. A seguir, tem-se a construção do quadrado argumentativo das relações entre *assinatura e clareza*. Vejamos:



Quadro 9 – Quadrado argumentativo das relações entre *Assinatura e clareza*.
Fonte: Autor (2012)

As relações estabelecidas entre *assinatura e clareza* asseguram a conduta dos candidatos. O bloco semântico dessas relações é construído, a partir do encadeamento representado pelo ângulo 1. Segundo este, o candidato que assina o termo trata-se de um candidato que deixa clara sua posição, quanto ao aborto.

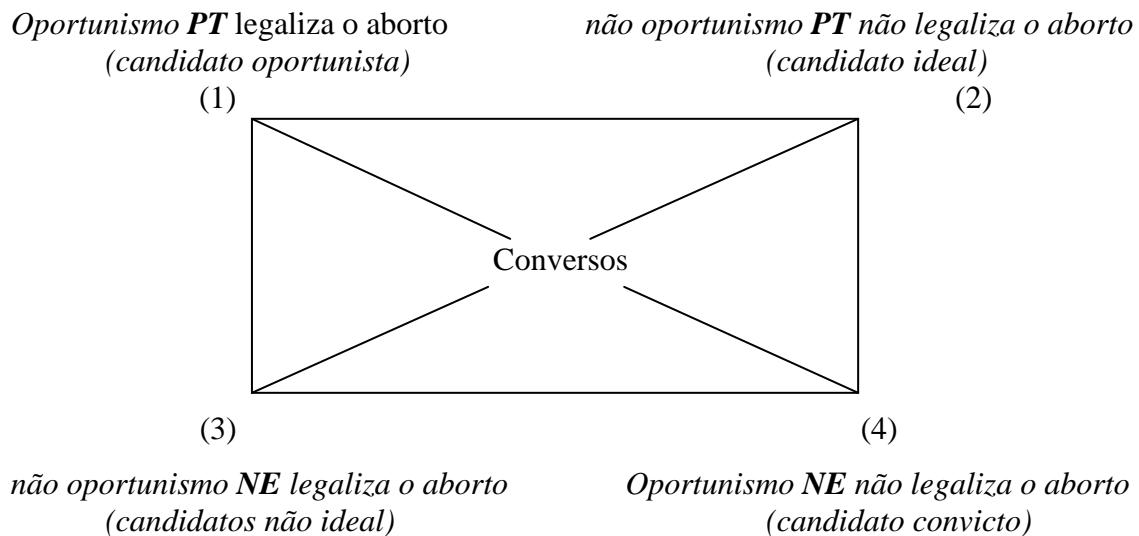
Em consonância com esse sentido, há o candidato que não assina o termo, não deixando claro seu posicionamento, como exposto no ângulo 2. Há o candidato que assina o termo, mas não quer dizer que aquele seja de fato seu posicionamento. Pode ser uma estratégia para ser bem aceito, por mais que isso seja por meio de uma atitude de má fé, evidenciado no ângulo 3.

Há o candidato, apresentado no ângulo 4, que não assina o termo, contudo já pode ter deixado claro seu posicionamento em outro momento. Cada uma dessas descrições dá conta de um tipo de candidato, reforçando a tese inicial de que há candidatos oportunistas, os quais não se expõem quando o assunto é aborto.

Neste segundo quadrado construído, construído a partir das relações entre *assinatura e clareza*, o sentido de candidatos evocados continua sendo o mesmo do quadro anterior: candidatos ideais, candidatos oportunistas, candidatos não ideais e candidatos convictos.

Por fim, o último procedimento analisado da sequência argumentativa é a conclusão. Segundo consideração feita pelo enunciador, o candidato que se demonstra “*lobo em pele de cordeiro*” tem o intuito de *legalizar o aborto*. Logo, trata-se de um *candidato oportunista*, proposição defendida, ao longo do texto. A partir das relações entre os enunciados expostos

para conclusão, pode-se evocar o encadeamento argumentativo *oportunisto PORTANTO legaliza o aborto*, dando origem ao bloco semântico descrito abaixo:



Quadro 10 – Quadrado argumentativo das relações entre *Oportunismo* e *legaliza o aborto*
Fonte: Autor (2012)

A construção do bloco semântico que parte desse enunciado revelará a manutenção da tese inicial, segundo a qual há candidatos oportunistas. A existência desse tipo de candidato mantém relação com a construção da imagem de outro tipo de candidato. São sentidos evocados do texto que orientam para o fato de que há candidatos ideais, ou seja, aqueles que correspondem aos anseios do Movimento, não omitindo suas opiniões e agindo com clareza. Há candidatos não ideais, os quais agem de má fé, mostrando uma coisa que não são. E há candidatos convictos quanto ao seu posicionamento, não precisando ou não achando necessário manifestar uma opinião, em função do Movimento.

Por fim, constata-se que as relações entre os procedimentos argumentativos da sequência argumentativa (tese, apoio e conclusão) mantém a interdependência proposta pela Teoria dos Blocos Semânticos. Os encadeamentos apresentados como referência a cada procedimento levaram à construção dos sentidos das entidades linguísticas tratadas ao longo do texto, isto é, a construção da imagem dos candidatos políticos, evocados do próprio texto.

Esta análise apresenta como indício que a TBS revela outros sentidos dentro do texto argumentativo que não só a tese inicial, como se poderia pensar. Trata-se de sentidos que fugiriam em outro tipo de análise, a qual facilmente consideraria a construção de apenas dois tipos de candidatos: os oportunistas e os ideais.

A análise do texto “Nota do Movimento”, à luz da TBS, revelou a construção de mais dois tipos de candidatos – os candidatos não ideais e os candidatos convictos. A construção desses quatro tipos de identidades ficou mais evidente na confirmação, a partir de três encadeamentos distintos, por se originarem de partes também distintas da sequência.

As relações entre as entidades linguísticas do texto levam a estabelecer a interdependência semântica entre os encadeamentos argumentativos que compõem o mesmo bloco semântico. Para a descrição dos sentidos em um texto de caráter argumentativo, como a sequência argumentativa apresentada, a relação entre os constituintes do bloco revela quatro pontos de vista acerca da mesma questão. Logo, as relações de contra-argumentação se tornam explícitas, por meio de uma análise de texto, à luz da TBS.

4.3 CARTA DE AMOR²⁵

Carta de Napoleão Bonaparte a Josefina de Beauharnais

“Já não te amo: ao contrário, detesto-te. És uma desgraçada, verdadeiramente perversa, verdadeiramente tola, uma verdadeira Cinderela. Nunca me escreves; não amas o teu marido; sabes quanto prazer tuas cartas dão a ele e ainda assim não podes sequer escrever-lhe meia dúzia de linhas, rabiscadas apressadamente. Que fazes o dia todo, Madame? Que negócio é assim tão importante que te rouba o tempo para escrever ao teu devotado amante? Que afeição abala e põe de lado o amor, o terno e constante amor que lhe prometeste? Quem será esse maravilhoso novo amante que te ocupa todos os momentos, tiraniza seus dias e te impede de dedicar qualquer atenção ao teu esposo? Cuidado, Josefina: alguma bela noite as portas se abrirão e eu surgirei. Na verdade, meu amor, estou preocupado por não receber notícias tuas; escreve-me neste instante quatro páginas plenas daquelas palavras agradáveis que me encham o coração de emoção e alegria. Espero poder em breve segurar-te em meus braços e cobrir-te com um milhão de beijos, candentes como o sol do Equador. Bonaparte”

A carta de Napoleão Bonaparte a Josefina de Beauharnais pode ser classificada como uma carta de amor, tendo em vista que Napoleão expõe seus sentimentos e conflitos pessoais à pessoa amada. Ela apresenta as duas faces do enunciador. No primeiro momento, o locutor/enunciador se dedica a manifestar sua raiva pela esposa. No segundo momento, o enunciador manifesta sua preocupação e amor pela mesma esposa.

A argumentação inicial se dá por meio da rejeição de Napoleão à esposa. Ele dispensa inicialmente a ela toda sua raiva e indignação, por não receber dela a atenção que ele julga merecer. Esta argumentação é representada pelo encadeamento argumentativo ***não ama PORTANTO detesta***. Tal encadeamento é evocado pelo enunciado inicial do locutor (Já não te amo: ao contrário detesto-te).

A declaração de Napoleão origina-se de determinadas constatações quanto ao comportamento de Josefina. De acordo com o locutor, a esposa nunca lhe escreve, mesmo sabendo da alegria que o esposo tem em receber notícias. Estas constatações podem ser representadas pelo encadeamento transgressivo ***sabes quanto prazer tuas cartas dão NO ENTANTO não escreves meia dúzia de linhas***.

As afirmações seguintes de Napoleão são construídas a partir da argumentação de que se a esposa não escreve, deve estar ocupando seu tempo com algo importante. Neste sentido,

²⁵ A carta de amor descrita é de Napoleão à esposa Josefina e foi extraída de um texto maior, publicado na revista Superinteressante em 2012, cujo título é “5 cartas de amor escritas por personagens históricos”. Além da carta de Napoleão, o texto apresenta cartas escritas por Beethoven, Karl Marx, Lewis Carroll e Yoko Ono.

o encadeamento *não há tempo para escrever PORTANTO deve estar fazendo algo importante* sintetiza o entendimento do locutor sobre a falta de tempo da esposa, em escrever-lhe algumas palavras, mandando notícias.

Tendo em vista que a argumentação central do locutor se sustenta na ideia de que ele *não ama PORTANTO detesta*, os encadeamentos evocados posteriormente reforçam tal argumentação. A partir do questionamento “Quem será esse maravilhoso amante que te ocupa todos os momentos, tiraniza seus dias e te impede de dedicar qualquer atenção ao teu esposo?”, o locutor traz ao enunciado a figura do amante, em oposição à figura do marido. Logo, se a esposa não dedica tempo ao marido, deve dedicar ao amante. O encadeamento evocado, então, é *não dedica tempo ao esposo PORTANTO há um amante*.

A constatação de Napoleão acerca de um possível amante o leva a fazer uma ameaça, sustentada pelo vocábulo *cuidado*, o qual sugere a atenção de Josefina, para o que pode acontecer, caso o marido retorne inesperadamente. A argumentação acerca de que o retorno do marido deve levar ao cuidado sustenta-se em acontecimentos que ocorrem na ausência do marido. Logo, evoca-se o encadeamento *retorno PORTANTO cuidado*.

A mudança de comportamento do enunciador ocorre quando este utiliza-se do articulador “na verdade”. A referência à tal articulador traz ao enunciado a reformulação dos sentimentos de insatisfação e mágoa. Trata-se da apresentação do real sentimento do enunciador, que neste momento assume o ponto de vista do encadeamento *ama PORTANTO não detesta*. Entende-se que o enunciador não assume mais o ponto de vista de quem *não ama PORTANTO detesta*, passando a assumir *ama PORTANTO não detesta*.

O enunciador, neste segundo momento, explora a questão de que o fato de não haver notícias da esposa o leva a ficar preocupado (*não há notícias PORTANTO há preocupação*). Logo, a preocupação parece ser decorrente bem mais do ato de gostar do que do ato de odiar. Esta afirmação ampara-se na construção da argumentação externa (AE) de preocupar-se:

- (1) *preocupar-se PORTANTO gostar;*
- (2) *preocupar-se PORTANTO querer saber;*
- (3) *preocupar-se PORTANTO cuidar.*

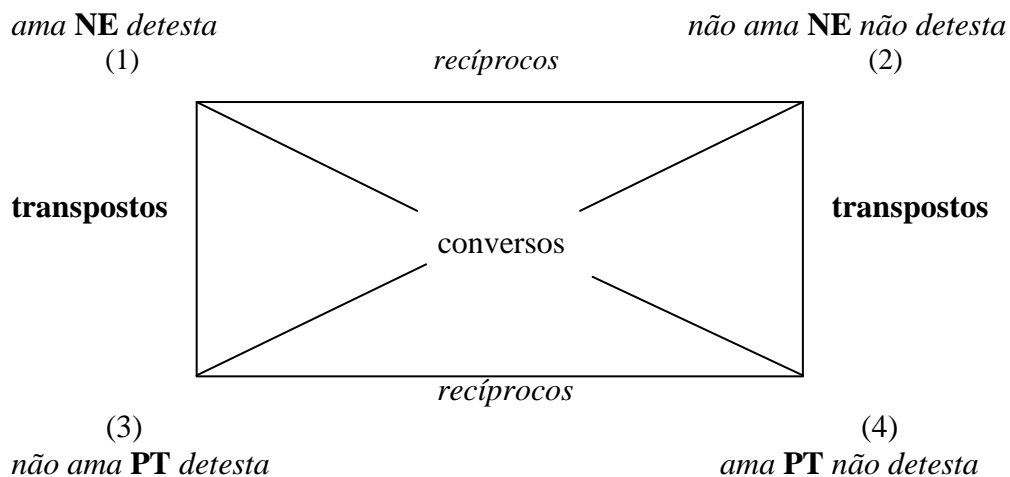
Levando-se em conta que quem se preocupa quer saber sobre o ser alvo da preocupação, Napoleão sinaliza no texto que ter notícias da esposa encheria o coração dele de alegria. Esta argumentação é formalizada por meio do encadeamento argumentativo *dar notícias PORTANTO encher o coração de alegria*.

A despedida do locutor também orienta para o fato de que o ponto de vista sobre seus sentimentos é diferente de *não ama PORTANTO detesta*. Em verdade, Napoleão declara que espera segurar a esposa em seus braços e cobri-la de beijos. Neste sentido, o retorno levará a manifestações de carinho pela esposa (*retorno PORTANTO carinho*).

Nota-se a partir da análise, que Napoleão se declara à esposa manifestando seus sentimentos de formas diferentes. No primeiro momento, suas afirmações evocam o encadeamento *não ama PORTANTO detesta*. Trata-se de uma manifestação de alguém ressentido e machucado pela pessoa amada, a ponto de ser ameaçador declarando que a esposa deve ter cuidado com um possível retorno. A ameaça posta evocou o encadeamento *retorno PORTANTO cuidado*.

A segunda parte ou segundo momento da carta é marcado por manifestações de afeto sustentadas na preocupação que Napoleão demonstra ter com a esposa. Logo, o fato de não ter notícias leva a criar a preocupação sobre o pode estar acontecendo, assim como ter notícias leva a deixar Napoleão feliz. Não sendo ressaltada nenhuma ameaça à esposa nesse momento, o retorno é descrito como motivo de felicidade, como se nota no seguinte encadeamento: *retorno PORTANTO carinho*.

É possível perceber que as duas partes em que foi dividido o texto refletem pontos de vista diferentes acerca da relação entre *amar* e *detestar*. Entende-se que, a partir do que orienta a Teoria dos Blocos Semânticos, a argumentação inicial colocada por meio do encadeamento *não ama PORTANTO detesta* compõe um bloco maior, o qual deve revelar outros pontos de vista acerca da relação supracitada. Desta forma, coloca-se a seguir o bloco semântico no qual o encadeamento mencionado é componente:



Quadro 11 - Quadrado argumentativo das relações entre *amar* e *detestar*
 Fonte: Autor (2013)

O bloco semântico apresentado reflete a relação entre *amar* e *detestar*. A descrição da tese inicial ou argumentação inicial de Napoleão se encontra no ângulo (3). Este encadeamento ***não ama PT detesta*** descreve o sentimento de alguém ressentido com a pessoa amada. Trata-se de uma postura radical, em relação ao amor. Neste caso, se não ama, odeia.

O ângulo transposto a este, ângulo (1), a partir do encadeamento ***ama NE detesta*** descreve o contraste de sentimentos de alguém que ama, mas também detesta as atitudes do ser amado. A perspectiva que se descreve a partir deste encadeamento é de um amor incoerente, repleto de conflitos.

O ângulo (2) descreve, a partir do encadeamento ***não ama NE não detesta***, a conduta de alguém centrado, que age com racionalidade, levando em conta que o fato de não haver espaço para o amor, não implica que haverá espaço para ódio ou ressentimento. A imagem acerca de amor que surge a partir deste encadeamento é de amor racional.

O último ângulo que compõe este bloco semântico é o ângulo (4), caracterizado pelo encadeamento ***ama PT não detesta***. Esta descrição diz respeito às atitudes de alguém apaixonado, o qual ama e não vê defeitos no ser amado. Nesta descrição, amor não leva a ódio. Logo, trata-se de perspectiva de amor romântico.

Levando-se em conta, que na segunda parte do texto o enunciador manifesta carinho pela esposa, na forma de preocupação e cuidado, tendo em vista o encadeamento ***dar notícias PORTANTO encher o coração de alegria***, bem como o retorno é descrito como momento de manifestações de amor (***retorno PORTANTO carinho***), o ponto de vista deste enunciador acerca do amor pode ser descrito como amor romântico, tal qual no ângulo (4)

Logo, o bloco permite reinterpretar o encadeamento inicial como ***ama NO ENTANTO detesta***. Embora o locutor diga explicitamente que não ama, a continuidade do texto dá a ver que sim ele ama. Apesar disso, o ódio pela falta de atenção não fica excluído (não é excludente com relação ao amor, como mostra o bloco).

Então, a declaração de falta de amor do início seria apenas uma exasperação, um excesso promovido pelo ódio, mas poderia ser reinterpretado. O texto funcionaria como uma atenuação do encadeamento inicial, ou seja, o texto mostra que não é que Napoleão não ame. Ele ama sim, mas mesmo assim detesta as atitudes dela, no que diz respeito à falta de atenção (mesmo amando detesta, porque detesta as atitudes).

Percebe-se, então, que as relações entre *amar* e *detestar* descrevem diferentes tipos de enunciadores, bem como diferentes formas destes enunciadores manifestarem o amor. Em especial Napoleão, a partir da carta escrita à esposa Josefina, ressalta dois pontos de vista: de alguém ressentido e machucado, o qual assume conduta radical acerca do amor (***não ama PORTANTO detesta***); bem como de alguém apaixonado, o qual manifesta seu amor por meio da preocupação e do cuidado com o ser amado e que assume uma postura romântica acerca do amor (***ama PORTANTO não detesta***).

No mais, nota-se que a carta de amor de Napoleão centra-se nos conflitos interiores do enunciador, na tentativa de manifestar seus sentimentos de forma radical, ameaçando a esposa ou de forma romântica, demonstrando seu carinho e preocupação com aquela. Os encadeamentos construídos decorrentes da relação entre *amar* e *detestar* reforçam a ideia de conflitos a partir pontos de vista diferentes sobre o amor.

4.4 COMENTÁRIO²⁶

Comentário no Blog *Escreva Lola escreva*, sobre o texto “Você não precisa usar lingerie pra ser capaz de qualquer coisa”

[Unknown](#) disse...

Muito boa sua análise Lola. Lembro-me muito bem das propagandas da Duloren nos cartazes enormes de uma loja que minha mãe sempre comprava lingerie. Como esses cartazes compõem nosso imaginário, meu deus! na real, o poder conferido às lingerie cumprem o papel de colocar a auto estima da mulherada mais para baixo ainda. Por isso, que as mulheres fracassadas, supõe a Duloren, precisam tanto de uma peça deles. Tadiiiinhos, não sabem eles que a Duloren não agrada a geração mais nova com seus modelos cafonas e propagandas machistas!

[18 de janeiro de 2013 16:34](#)



O quarto texto de análise neste trabalho de pesquisa trata-se de um comentário postado no blog “Escreva Lola escreva”. O comentário é relativo ao texto publicado em tal blog cujo título é “*Você não precisa usar lingerie para ser capaz de qualquer coisa*”.

O comentário, em questão, também se pauta na campanha publicitária acima, a qual é mote para discussão no blog. Trata-se de um anúncio da marca Duloren, a qual soma elementos não verbais ao enunciado “*Você não imagina do que uma Duloren é capaz*”. Em se

²⁶ O texto analisado é um comentário que se originou da leitura do texto “*Você não precisa usar lingerie pra ser capaz de qualquer coisa*”, publicado no blog *Escreva Lola escreva*. Como a análise se deteve às estruturas linguísticas do comentário, o texto integral do blog não aparece nesta seção. O mesmo está disponível no Anexo 5.

tratando de uma marca de lingerie, a campanha da Duloren orienta os interlocutores a relacionarem à figura feminina da imagem, vestida com a lingerie da marca, ao enunciado supracitado.

Neste sentido, o comentário postado no blog é construído sob a apresentação de pelo menos dois enunciadores: O enunciador que corresponde ao discurso do enunciador que comenta no blog (E1) e o enunciador que sustenta o discurso da Duloren (E2).

Tomando com base uma referência da infância, E1 busca construir a imagem da marca Duloren, segundo o qual é representativo desta marca ter campanhas marcantes e fazer parte do imaginário. Logo, são evocados os seguintes encadeamentos a partir de tais discursos: *ser Duloren PORTANTO ter campanhas marcantes; ser Duloren PORTANTO fazer parte do imaginário; ser Duloren PORTANTO estar há algum tempo no mercado.*

As argumentações construídas acerca do que é ser Duloren levam a se evocar outros encadeamentos: *estar há algum tempo no mercado PORTANTO agradar* ou *estar há algum tempo no mercado PORTANTO ser respeitável*. No entanto, este último encadeamento é facilmente desconsiderado dentro do discurso de E1, tendo em vista que *a posteriori*, tal enunciador, utilizando-se do vocábulo “na real”, apresenta descrição sobre a sua percepção acerca do universo explorado pelas marcas de lingerie.

Segundo encadeamento evocado do discurso de E1, *poder conferido às lingerie pelas propagandas da Duloren PORTANTO colocar a autoestima da mulherada ainda mais para baixo*. Vale ressaltar que o vocábulo “ainda” presente no texto e no encadeamento argumentativo reforça a ideia de já existirem outros grupos que colocam a autoestima da mulher para baixo.

Não obstante, é instaurado E2, representativo do discurso da Duloren. Ao tomar o enunciado “*Por isso, que as mulheres fracassadas, supõe a Duloren, precisam tanto de uma peça deles*”, é possível evocar o encadeamento *Mulheres fracassadas PORTANTO precisam de uma lingerie Duloren*.

Soma-se a este ponto de vista do Enunciado Duloren (E2), a descrição possível de mulher fracassada, por meio de sua argumentação externa. Tendo em vista que não seguir os padrões ditatoriais de beleza leva a ser uma mulher fracassada, é possível evocar a seguinte descrição: *não segue o padrão PORTANTO fracassada*.

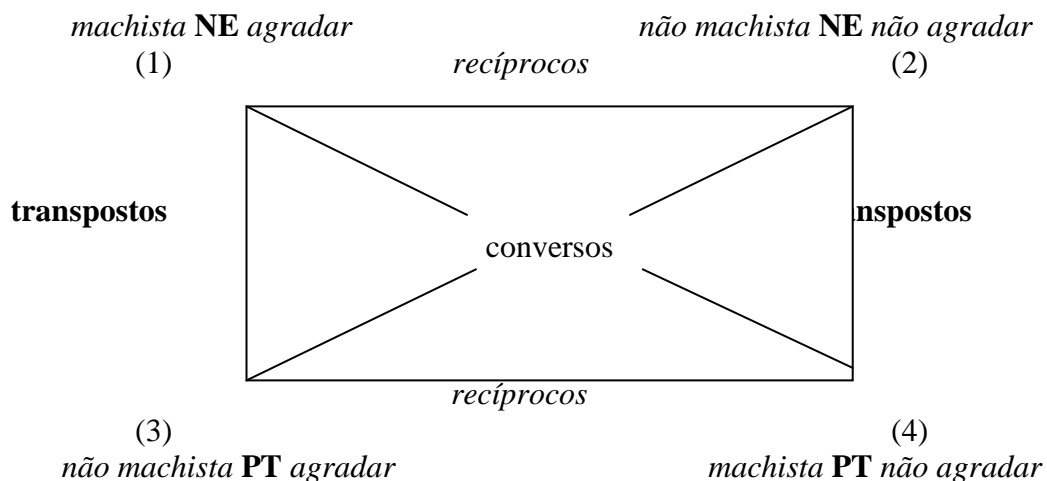
A fim de discordar de tal descrição e ponto de vista acerca da condição feminina, E1 enuncia que a Duloren não agrada ao público feminino, tendo em vista seus modelos cafonas

e propagandas machistas. Com este ponto de vista, evoca-se o encadeamento *Duloren tem modelos cafonas e propagandas machistas PORTANTO não agrada o público feminino*.

Esta questão entra em conflito com os primeiros enunciados de E1 que davam conta de que o fato de estar há muito tempo no mercado levava a agradar (*estar há muito tempo no mercado PORTANTO agradar*).

É necessário considerar que as argumentações de E1 são construídas a partir de representações de passado e presente. Logo, segundo discurso de E1, atualmente uma marca de lingerie ser machista gera a rejeição de uma parcela da população. Isto pode ser formalizado por meio do encadeamento *machista PORTANTO não agradar*.

Ao conceber o bloco semântico do qual é componente tal encadeamento, percebe-se que as relações estabelecidas entre o vocábulo *machista* e *agradar* descrevem os conflitos de geração e de interesse, como se observa a seguir:



Quadro 12 - Quadrado argumentativo das relações entre *machista* e *agradar*
Fonte: Autor (2013)

Tendo em vista que o ângulo (4), no qual há o encadeamento *machista PT não agradar*, e que já se convencionou como o ponto de vista de E1, pode-se afirmar que trata-se da descrição do que é *ser Duloren* para uma geração feminina da atualidade.

Em ângulo converso (1), há o encadeamento *machista NE agrada*. Este descreve as marcas de lingerie, as quais mesmo com campanhas machistas fizeram bastante sucesso em décadas passadas. Pode-se determinar que se trata do ponto de vista de gerações femininas anteriores a de E1. Ao se remeter ao texto, verifica-se enunciado no qual E1 destaca a figura

materna como compradora frequente em lojas de lingerie, em que a marca Duloren se destacava.

No que se refere ao ângulo (2), tem-se o encadeamento *não machista PT agradar*. Trata-se da descrição de outra marca de lingerie, sob o ponto de vista de um enunciador atento aos conceitos explorados pelas campanhas publicitárias de lingerie. A opinião descrita no ângulo (2) está atrelada ao pensamento crítico proporcionado pela reflexão acerca do papel da mulher na sociedade moderna.

O ângulo (3) apresenta o encadeamento *não machista NE não agradar*. Converso ao ponto de vista apresentado anteriormente, este encadeamento também sugere a descrição de outra marca de lingerie, que não a Duloren, no entanto apresenta outro enunciador. O enunciador deste encadeamento alerta para o fato de a lingerie não agradar mesmo sendo alvo de uma campanha não machista. Logo, percebe-se que tal enunciador detém outros critérios de classificação para uso de uma lingerie. Dentre estes critérios, pode-se destacar beleza, bem-estar ou até mesmo o status que tal lingerie garante ao público que a utiliza.

Desta forma, é possível compreender que o comentário no blog centra-se em um ponto de vista, segundo o qual o fato de a marca Duloren criar campanhas machistas leva a não agradar o público feminino (*machista PT não agradar*). Este ponto de vista formalizado em encadeamento argumentativo possibilita evocar outros encadeamentos que com ele estabelecem interdependência semântica. Logo, a partir do texto é possível descrever a opinião de quatro tipos de enunciados acerca de marcas de lingerie.

Estes pontos de vista se diferem quanto à geração que possivelmente enuncia, como também pelo que este enunciador espera do produto. A saber, percebe que o enunciador de (1) *machista NE agradar* não espera um comprometimento social da marca de lingerie, à medida que o fato das campanhas serem machistas não implica na recusa ao produto, ao contrário até agradam.

Já o enunciador de (2), *não machista NE não agradar*, orienta para o fato de que um possível comprometimento social não é superior aos benefícios que uma lingerie deve proporcionar a quem usa. Logo, mesmo não tendo uma campanha machista, para este enunciador, a lingerie pode não agradar.

O encadeamento exposto no ângulo (3), *não machista PT agradar*, descreve o ponto de vista de enunciador satisfeito com a marca que tem um comprometimento social, ou seja, aquela que não pode ser classificada como machista. Em reciprocidade a este, o ângulo (4)

apresenta o enunciado *machista PT não agradar*, o qual descreve a Duloren, e identifica um enunciatador crítico e engajado nas questões sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como ponto de partida o entendimento de Ducrot (2009: 21) acerca do que seja um encadeamento argumentativo, ou seja, “*encadeamentos que ligam, não duas proposições sintáticas, mas duas sequências de proposições, por exemplo, dois parágrafos de um artigo*”, propôs-se a partir deste trabalho investigar se os textos também podem ser tratados, à luz da Teoria dos Blocos Semânticos, como entidades linguísticas, capazes de terem descritos os sentidos que lhes são inerentes.

Diante deste objetivo, buscou-se descrever e compreender a Semântica Argumentativa, a partir da sua versão mais atual a Teoria dos Blocos Semânticos. Iniciou-se o trabalho pela apresentação das bases teóricas que sustentam tal corrente linguística. Neste tocante, revisitou-se o Estruturalismo Linguístico, a Teoria da Enunciação e a Teoria da Argumentação na Língua, fundamentação teórica que compõe o primeiro capítulo do trabalho.

No segundo capítulo, dedicou-se atenção à descrição da Teoria dos Blocos Semânticos, terceira e mais atual fase da Teoria da Argumentação na Língua. Retomaram-se os fundamentos de Carel e Ducrot (2005), segundo os quais é objetivo da TBS descrever o sentido de entidades linguísticas, sejam elas palavras, enunciados ou expressões.

O capítulo seguinte apresentou os trabalhos de Andersen (2006), Ortmann (2010) e Graeff (2011), como exemplos de pesquisa que relacionam a TBS à análise de texto. Os trabalhos das três autoras mencionadas têm em comum o tratamento da construção dos sentidos no texto, por meio de uma análise semântico-argumentativa.

As considerações destes trabalhos revelam contribuições importantes para o estudo de texto, em consonância com a TBS. A partir dos apontamentos de Andersen (2006), observou-se que a descrição de certos enunciados pode favorecer a descrição do sentido global do texto. A pesquisa de Ortmann (2010) confirma que o discurso predominantemente narrativo é constituído argumentativamente. Isto implica em se considerar que diferentes tipos de texto podem ser analisados sob a perspectiva da TBS. Já os estudos promovidos por Graeff (2011) apontam para o fato de que os conteúdos argumentativos têm relação com a atitude do locutor diante de tal conteúdo.

No quarto capítulo, analisou-se o *corpus*, composto por quatro textos diferentes, sejam eles: uma crônica, cujo título é “Menos a Luiza” é uma idiotice?; um manifesto do

Movimento Nacional da Cidadania pela Vida; uma carta de amor de Napoleão Bonaparte e um comentário feito em blog.

No que diz respeito às análises dos textos, foi possível considerar, primeiramente, que a crônica e o manifesto, por se constituírem de sequências argumentativas, apresentam indícios semelhantes, quanto à contra-argumentação. Em ambos os textos, a contra-argumentação aparece como um procedimento de construção de sentidos. Notou-se que teses diferentes, quanto ao mesmo assunto, aparecem no mesmo bloco semântico, ampliando as representações dos pontos de vista.

Essas representações originam-se da descrição dos sentidos produzidos pelos encadeamentos argumentativos. Logo, há indícios de que as argumentações construídas a partir do texto levam ao reconhecimento de outras teses, além da tese anterior e da tese atual.

No que tange à carta de amor de Napoleão Bonaparte, destacou-se o conflito interno vivido pelo enunciador, quanto à questão do amor. As argumentações revelaram sentidos diferentes para a representação do amor. Dentre estas representações, foi possível descrever o *amor incoerente*, *amor racional*, *amor radical* e *amor romântico*. Destacou-se que todas estas descrições compõem o mesmo bloco semântico.

Desta forma, a descrição da carta de Napoleão apresenta elementos que levam a se considerar que Napoleão vive em conflito, tendo em vista que o sentimento de tal enunciador ora se manifesta como radical, ora como irracional, bem como pode ser romântico.

O último texto, em se tratando de uma manifestação pessoal acerca de um determinado assunto, revelou mais do que pontos de vista acerca do assunto (a marca Duloren e lingerie). Por meio da descrição do comentário no blog, foi possível destacar o tipo de enunciador que se apropria da argumentação. Ao se tratar do tipo de enunciador, vislumbrou-se aproximar o enunciador do conteúdo argumentativo construído. Logo, a partir do encadeamento *não machista PT agradar*, mais do que a descrição de uma entidade linguística, descreveu-se o ponto de vista de enunciador satisfeito com a marca que tem um comprometimento social.

Com base nestes apontamentos provocados pela reflexão de qual o objetivo da Teoria dos Blocos Semânticos e da relação que esta teoria estabelece com a descrição dos sentidos nos textos, , considera-se que há uma questão ainda mal resolvida, no que se refere à análise da construção de sentido em enunciados, a partir da Teoria dos Blocos Semânticos.

Reconhecendo que um dos princípios da TBS é compreender que aspectos externos à língua não devem interferir na análise dos sentidos produzidos, parece haver necessidade de

se compreender até que ponto o que é exterior à língua, está de fato no exterior e não no interior da mesma.

Ao tratar o texto como uma entidade linguística, torna-se inviável distanciá-lo de outros aspectos, os quais parecem ser relevantes para uma análise de texto. Seriam estes aspectos extralinguísticos.

Nota-se, a partir da análise dos trabalhos realizados por outros autores, bem como pelas próprias análises, o eco destes aspectos renegados pela teoria. Algumas destas análises apresentam como dados encadeamentos argumentativos, os quais são considerados pontos de vista de diferentes enunciadores ou pontos de vista diferentes de um mesmo autor. Isto demonstra a influência de um caráter subjetivo na construção dos enunciados

Levando em conta que na análise de texto à luz da TBS, considera-se a construção de um sentido global, a partir da relação que os encadeamentos do próprio texto sugerem, a leitura subjetiva do texto parece interferir na construção dos encadeamentos argumentativos.

Logo, fica com este trabalho a sugestão de um problema para ser debatido futuramente. Não se trata de pensar se a Teoria dos Blocos Semânticos se submete ao auxílio de aspectos extralinguísticos para compor sua análise das entidades linguísticas, mas sim até que ponto o extralinguístico não está presente no âmago da TBS. Neste sentido, até que ponto o extralinguístico não está (ou está) presente na Teoria dos Blocos Semânticos?

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean- Michel. *A lingüística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan. 1998

ANDERSEN, Elenice Maria Larroza. *Fábulas e parábolas: um esboço para a interpretação de textos à luz da Teoria dos Blocos Semânticos*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Ano 4, n. 6, março de 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A incapacidade de ser verdadeiro*. In: ORTMANN, Paula Dreyer. *Por um estudo argumentativo da narrativa*. 2010. 97f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BENVENISTE, Èmile. *Problemas de lingüística geral I*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1988 [1966].

BARBISAN, Leci. *O conceito de Enunciação em Benveniste e em Ducrot*. Revista Letras. n. 33, Jul - Dez de 2006.

BOTH, Joseline Tatiana. *A construção de sentidos na produção escrita de crianças*. Letrônica v. 1 , n. 1 , p. 114 - 132, dezembro 2008.

BRAIT, Beth. *O Processo interacional*. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH, 1993.

CAMPOS, Claudia Mendes. *Efeitos argumentativos na escrita infantil ou a ilusão da argumentação*. 2005. 210f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Ciências da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2005

CAMPOS, Cláudia Mendes. *O percurso de Ducrot na Teoria da Argumentação na Língua*. Revista da ABRALIN, v. 6, n. 2, p. 139-169, jul./dez. 2007.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Tradução: Maria Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. *O que é argumentar?* Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 1 - n. 2 - p. 77-84 - jul./dez. 2005.

_____. *Análise semântica e análise textual*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 7 - n. 2 - p. 184-197 - jul./dez. 2011

DUCROT, Oswald. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. São Paulo: Global, 1981.

_____. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães.

_____. *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação*. In: *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães (p 161- 219)

_____. Introducción – Conferência 1. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Tradução: Maria Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. Los Bloques Semánticos y el cuadrado argumentativo – Conferência 2. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Tradução: Maria Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. Argumentación Interna e Argumentación Externa – Conferência 3. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los*

bloques semânticos. Tradução: Maria Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

DUCROT, Oswald. *Argumentação Retórica e Argumentação Linguística*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009

GRAEFF, Telisa Furnaletto. *Leitura argumentativa e polifônica de Amores possíveis: de onde brota o riso?* In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 7 - n. 2 - p. 345-357 - jul./dez. 2011

_____. *A conexão entre enunciados no texto com base na semântica argumentativa*. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 2 - p. 197-208 - jul./dez. 2012

_____. *A Teoria da Argumentação na Língua e a compreensão de propostas de produção de textos disserativo-argumentativos*. In: Anais do IX Encontro do CELSUL Palhoça, SC, out. 2010

FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FREITAS, Ernani César de. *A Teoria da Argumentação na Língua: blocos semânticos e a descrição de sentidos no discurso*. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

KLEIBER, G. *Sens, référence et existence; que faire de l'extralinguistique?* Langages. N.127, p 9-37. 1997

KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez . 2002

MOITA LOPES, Luis Paulo da. *Socioconstrucionismo: Discurso e identidades sócias*. In: MOITA LOPES, Luis Paulo da (Org.). *Discursos de identidades: discurso como espaço de*

construção de gênero sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

ORTMANN, Paula Dreyer. *Por um estudo argumentativo da narrativa*. 2010. 97f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RYPL, Mariana Martinez. O sentido construído pelas relações dentro do discurso. 2010. 111f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.

TORERO, José Roberto. *Amores possíveis*. In: GRAEFF, Telisa Furnaletto. *Leitura argumentativa e polifônica de Amores possíveis: de onde brota o riso?* In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 7 - n. 2 - p. 345-357 - jul./dez. 2011

REFERÊNCIAS ON LINE

DIMESTAIN, Gilberto. “Menos Luiza” é uma idiotice? em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gilbertodimenstein/1037027-menos-a-luiza-e-uma-idiotice.shtml>> Acesso em 30 maio 2012

Carta de Napoleão Bonaparte. Disponível em: < <http://super.abril.com.br/blogs/historia-sem-fim/tag/napoleao-bonaparte/>> Acesso em 16 jan. 2013

Comentário de blog. Disponível em<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/01/voce-nao-precisa-de-lingerie-para-ser_5433.html> Acesso em 20 jan.2013


Nota do Movimento Nacional de Cidadania pela vida. Disponível em: <http://www.brasilsemaborto.com.br/index.php?action=noticia&idn_noticia=54> Acesso em 20 out. 2010

ANEXO 1 – “Menos a Luiza” é uma idiotice?

20/01/2012 - 08h14

"Menos a Luiza" é uma idiotice?

DE SÃO PAULO

 Recomendar

1 mil

 +1

32

Provavelmente Luiza é a primeira brasileira que virou celebridade nacional não por ter aparecido. Mas justamente por não ter aparecido. Foi alvo apenas de uma menção num comercial de um empreendimento imobiliário na Paraíba. Assim virou hit na internet. É uma idiotice? Não: essa brincadeira é um assunto sério.

Tão sério que mereceria um estudo aprofundado sobre como funcionam os meios de comunicação na era da internet. Um comercial de empreendimento imobiliário na Paraíba vira assunto nacional e faz da ausente Luiza uma celebridade. E, agora, ao voltar ao Brasil, desfila entre os famosos. São regras novas de difusão de informação, que os comunicadores não conhecem e não cansam de se surpreender.

Luiza também é reflexo de que como está se aprofundando o que muitos já chamam da era das celebridades. Gente que não faz nada ou quase nada --personagens do BBB, por exemplo-- e viram assuntos em todos os lugares. Não é só que viram assunto: suas opiniões são levadas em consideração e ocupam cada vez mais espaço. Talvez seja em parte reflexo da falta de interesse em assuntos coletivos?

O fato é que 'Menos Luiza' é qualquer coisa. Menos uma idiotice.

★

A coisa está tão grave que até aqui nesta coluna Luiza apareceu.

ANEXO 2 – Nota do Movimento Nacional da Cidadania pela vida

Brasil sem Aborto, as eleições e o aborto.

30/09/2010 15:59:16

NOTA DO MOVIMENTO NACIONAL DA CIDADANIA PELA VIDA – BRASIL SEM ABORTO SOBRE AS ELEIÇÕES 2010 E A QUESTÃO DO ABORTO

O Movimento Nacional da Cidadania pela vida – Brasil Sem Aborto, de natureza supra-partidária e supra-religiosa, com sede nacional em Brasília, neste momento extremamente importante para o futuro do nosso país, vem a público manifestar sua preocupação com o oportunismo político com que está sendo tratada a questão do aborto, nestas eleições.

É estarrecedor que algo tão importante como a defesa da vida, desde a concepção, seja tratado sem a devida explicitação do posicionamento de cada candidato à Presidência da República, aos governos de Estado, ao Senado Federal e à Câmara dos Deputados. Entendemos que a coerência e a clareza de posicionamento, não só nesta conjuntura eleitoral, deva prevalecer junto aos eleitores brasileiros. Não podemos aceitar que candidatos que manifestaram publicamente, com palavras e ações, posicionamento pela descriminalização do aborto venham agora silenciar sobre suas posições ou declarar-se agora contra o aborto de maneira oportunista, ambígua e eleitoreira, visando confundir os eleitores. Quem efetivamente é contra o aborto não teme posicionar-se claramente contra a sua legalização ou descriminalização, por entender que o direito à vida é o mais fundamental de todos os direitos humanos.

Para contribuir para essa clareza de posicionamento, o Movimento Nacional da Cidadania pela Vida – Brasil Sem Aborto lançou desde o início desta campanha eleitoral a CAMPANHA NACIONAL GOVERNOS E PARLAMENTOS PELA VIDA com o slogan “A VIDA depende do seu VOTO” com o objetivo de identificar os candidatos e candidatas que tem posição contra a legalização do aborto em nosso país e que queiram assinar “Termo de Compromisso” com firma reconhecida em cartório tendo os seus nomes inscritos numa lista por Estado, no site www.brasilsemaborto.com.br

Entendemos que os eleitores brasileiros não podem ficar à mercê dos “lobos vestidos com pele de cordeiro” cuja intenção é GANHAR VOTOS para vencer as eleições e, depois de empossados, mostrar a sua verdadeira face no apoio à cultura de morte que tem como objetivo no governo federal, estadual ou no Congresso Nacional estabelecer políticas de incentivo à prática do aborto no SUS e na articulação para descriminalizá-lo e aprovar uma legislação que o legalize em nosso país, tal como consta no PNDH-3 e no recentemente acordo internacional assinado pelo governo brasileiro denominado de “consenso de Brasília”.

Por que **LEGALIZAR** a Morte quando queremos Vida?

Brasília, 30 de setembro de 2010

ANEXO 3 – 5 cartas de amor escritas por personagens históricos

5 cartas de amor escritas por personagens históricos

Marcel Verrumo 12 de julho de 2012

Beethoven declarou-se a uma amada imortal, desconhecida até hoje. Napoleão errou a mira e escreveu cartas de amor para uma pretendente infiel. Marx trocou mensagens românticas com sua noiva para driblar as proibições dos pais da moça. Lewis Carroll, escritor de *Alice no país das maravilhas*, declarou-se para uma menina que conheceu quando ela tinha 9 anos e ele já estava na casa dos 30. Yoko Ono continuou declarando seu amor para John Lennon 27 anos após o cantor ser assassinado.

O História sem fim reuniu cinco cartas de amor de quem marcou a História. São documentos de diferentes épocas, escritos por personagens de diferentes áreas, vivendo em contextos diferentes. Confira como cada um expressou seu amor e conte: qual é sua favorita?

1. De Beethoven para sua Amada Imortal



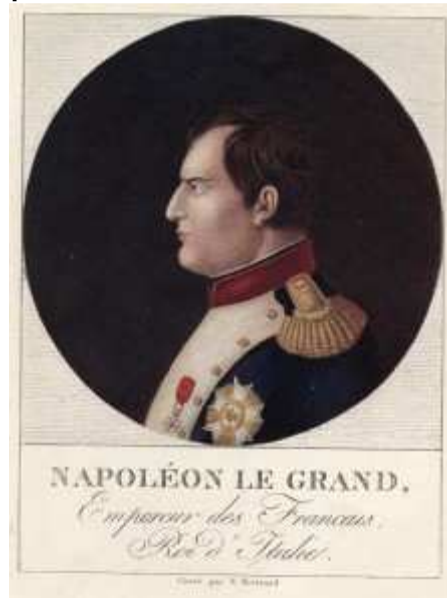
Após a morte do gênio em 1827, seu assistente, Anton Schindler, encontrou uma carta de amor guardada entre os pertences do compositor. Em 1840, Schindler publicou uma biografia sobre Beethoven e divulgou o material. Somente o dia e o mês estão registrados na carta. **O local em que a carta foi escrita e o nome da destinatária - identificada na carta como “Amada Imortal” - não aparecem.** A história inspirou o filme “Minha Amada Imortal”, de 1995.

Em 1880, a carta foi comprada pela Biblioteca Estatal de Berlim, onde permanece até hoje. Leia:

“Meu anjo, meu tudo, meu próprio ser - Hoje apenas algumas palavras à caneta (à tua caneta). Só amanhã os meus alugueres estarão definidos - que desperdício de tempo... Por que sinto essa tristeza profunda se é a necessidade quem manda? Pode o teu amor resistir a todo sacrifício embora não exijamos tudo um do outro? Podes tu mudar o fato de que és completamente minha e eu completamente teu? Oh Deus! Olha para as belezas da natureza e conforta o teu coração. O amor exige tudo, assim sou como tu, e tu és comigo. Mas esqueces-te tão facilmente que eu vivo por ti e por mim. Se estivéssemos completamente unidos, tu sentirias essa dor assim como eu a sinto. [...] Nós provavelmente devemos nos ver em breve, entretanto, hoje eu não posso dividir contigo os pensamentos que tive nos últimos dias sobre minha própria vida - Se

os nossos corações estivessem sempre juntos, eu não teria nenhum... O meu coração está cheio de coisas que eu gostaria de te dizer - ah - há momentos em que sinto que esse discurso é tão vazio - Alegra-te - Lembra-te da minha verdade, o meu único tesouro, o meu tudo como eu sou o teu. Os deuses devem-nos mandar paz... Teu fiel Ludwig”

2. De Napoleão Bonaparte para Josefina



É como dizem: sorte no *front*, seca no amor. Napoleão era desses. Até que conheceu Josefina de Beauharnais, viúva de um visconde e seis anos mais velha que ele. Não demorou muito até que o baixinho subisse ao altar com a dama. **Enviado para o campo de batalhas, Napoleão declarava em cartas o seu amor pela esposa.** O problema é que Josefina não estava na mesmavibe que o cara: além de não retribuir as correspondências, começou a traí-lo. Ao tomar conhecimento do chifre, Napoleão decidiu dar o troco: começou a se relacionar com uma mulher que se disfarçava de homem para lutar. Confira a carta que Napoleão escrevia, enquanto Josefina o traía...

“Já não te amo: ao contrário, detesto-te. És uma desgraçada, verdadeiramente perversa, verdadeiramente tola, uma verdadeira Cinderela. Nunca me escreves; não amas o teu marido; sabes quanto prazer tuas cartas dão a ele e ainda assim não podes sequer escrever-lhe meia dúzia de linhas, rabiscadas apressadamente. Que fazes o dia todo, Madame? Que negócio é assim tão importante que te rouba o tempo para escrever ao teu devotado amante? Que afeição abala e põe de lado o amor, o terno e constante amor que lhe prometeste? Quem será esse maravilhoso novo amante que te ocupa todos os momentos, tiraniza seus dias e te impede de dedicar qualquer atenção ao teu esposo? Cuidado, Josefina: alguma bela noite as portas se abrirão e eu surgirei. Na verdade, meu amor, estou preocupado por não receber notícias tuas; escreve-me neste instante quatro páginas plenas daquelas palavras agradáveis que me enchem o coração de emoção e alegria. Espero poder em breve segurar-te em meus braços e cobrir-te com um milhão de beijos, candentes como o sol do Equador. Bonaparte”

3. De Karl Marx para sua esposa Jenny von Westphalen



O intelectual alemão escreveu cartas à mulher que viria a ser sua esposa e mãe de seus filhos, Jenny von Westphalen, filha de um barão da Prússia. Os dois se conheceram ainda na universidade e, para driblar a proibição familiar de namorar, mantiveram durante anos uma relação de amor por meio de cartas. Confira uma delas.

“Meu amor, enquanto nos separa um espaço, estou convencido de que o tempo é para o meu amor como o sol e a chuva são para uma planta: fazem crescer. Basta você ir, meu amor por você apresenta-se a mim como ele realmente é: gigantesco; e nele se concentra toda minha energia espiritual e toda a força dos meus sentidos Você vai sorrir, meu amor, e te perguntará por que eu caí na retórica. Mas se eu pudesse pressionar contra o meu coração o seu, puro e delicado, guardaria em silêncio e não deixaria escapar nem uma só palavra.”

4. De Lewis Carroll para Gertrude Chataway



Gertrude Chataway foi a mais importante criança que o escritor Lewis Carroll teve como amiga. O poema *A caça ao Snark*, inclusive, é dedicado a ela e aberto com um acróstico com seu nome. Biógrafos de Carroll, conhecido por escrever *Alice no país das maravilhas*, revelam que ele conheceu a garota quando ela tinha apenas 9 anos e que, desde então, os dois mantiveram uma amizade que se estendeu até a vida adulta. Meio estranho? Espere até ler a carta.

“Minha querida Gertrude, você vai ficar admirada, surpresa, desolada ao saber que terrível indisposição eu senti quando você partiu. Mandei chamar um médico e lhe disse: ‘Dê-me um remédio contra o cansaço porque eu estou cansado’. Ele me respondeu: ‘Nunca! Você não precisa de remédio! Se você está cansado, vá para a cama!’ ‘Não’, repliquei, ‘não se trata desse tipo de cansaço que passa quando se deita. Eu estou cansado no rosto.’ Ele ficou muito sério e depois disse: ‘Sim, estou vendo, é seu nariz que está cansado; e isso acontece por que você mete o nariz em tudo’. E eu respondi: ‘Não, não é bem o nariz. Talvez tenha sido um gole de ar’. Então ele fez uma expressão de espanto e disse: ‘Agora estou entendendo: naturalmente você tocou muitas árias em seu piano’. ‘De forma nenhuma, protestei. Nada de árias, mas de alguma coisa que fica entre o meu nariz e o meu queixo’. Ai ele ficou muito sério e perguntou: ‘Ultimamente você tem andado muito com seu queixo?’ Eu disse: ‘Não’. ‘Bem!’ disse ele, ‘isso me preocupa muito. Não sente alguma coisa nos lábios?’ ‘Claro!’ exclamei. É exatamente isso que eu sinto!’ Então ele ficou mais sério do que nunca e disse: ‘Acho que você andou dando muitos beijos’. ‘Bem’, respondi, ‘na verdade eu dei um beijo numa menininha que é muito minha amiga.’ ‘Pense bem’, disse ele, ‘você tem certeza de que foi somente um?’ Eu pensei bem e disse: ‘Talvez tenham sido onze’. Então o doutor respondeu: ‘Você não deve dar nenhum beijo até que seus lábios tenham descansado bastante’. ‘Mas o que devo fazer’, repliquei, ‘se ainda estou devendo a ela cento e oitenta e dois beijos?’ Nessa hora ele ficou tão triste, mas tão triste, que as lágrimas começaram a rolar em seu rosto. E ele disse: ‘Você pode enviá-los numa caixa’. Então eu me lembrei de uma pequena caixa que eu havia comprado em Dover, pensando em poder um dia oferecê-la a uma menininha. Por isso é que eu lhe envio essa caixa depois de ter colocado nela todos os meus beijos. Diga-me se eles chegaram bem, ou se algum se perdeu pelo caminho.”

5. De Yoko Ono para John Lennon



Às vésperas do 27º aniversário de morte de Lennon, Yoko Ono escreveu em seu [blog](#) uma declaração de amor para o músico. Ora dirigindo-se a John, ora ao leitor, Ono pediu Paz, como fizera anos antes ao lado do cantor, lutando pelos direitos das mulheres, dos trabalhadores e pelo fim da Guerra do Vietnã. Falou das saudades, do vazio ao olhar para a cama vazia, do filho órfão. Falou da dor de amar quem não está ao nosso lado.

“Sinto saudades, John. 27 anos se passaram e ainda desejo poder voltar no tempo até aquele verão de 1980. Lembro-me de tudo - dividindo nosso café da manhã, caminhando juntos no parque em um dia bonito, e ver sua mão pegando a minha - que me garantia que não deveria me preocupar com nada, porque nossa vida era boa. Não tinha ideia de que a vida estava a ponto de me ensinar a lição mais dura de todas. Aprendi a intensa dor de perder um ser amado de repente, sem aviso prévio, e sem ter o tempo para um último abraço e a oportunidade de dizer “Te amo” uma última vez. A dor e o choque de perder você tão de repente está comigo a cada momento de cada dia. Quando toquei o lado de John na nossa cama na noite de 08 de dezembro de 1980, percebi que ainda estava quente. Esse momento ficou comigo nos últimos 27 anos - e vai ficar comigo para sempre. Ainda mais difícil foi ver o que foi tirado de nosso lindo filho Sean. Ele vive com uma raiva silenciosa por não ter seu pai, a quem ele tanto amava e com quem compartilhou sua vida. Eu sei que não estamos sozinhos. Nossa dor é compartilhada com muitas outras famílias que sofrem por serem vítimas de violência sem sentido. Esta dor tem de parar. Não percamos as vidas daqueles que perdemos. Juntos, façamos o mundo um lugar de amor e alegria e não um lugar de medo e raiva. Este dia em que se comemora a morte de John, tornou-se cada vez mais importante para muitas pessoas ao redor do mundo como um dia para lembrar a sua mensagem de Paz e Amor e fazer o que cada um de nós podemos fazer para curar este planeta que nos acolhe. Pensem em Paz. Atuem em paz. Compartilhem a Paz. John trabalhou para ele toda a sua vida. Ele costumava dizer: “Sem problemas, somente soluções”. Lembre-se, estamos todos juntos. Podemos fazê-lo, devemos. Eu te amo! Yoko Ono Lennon.”

E aí, quem mais mexeu com seu coração?

ANEXO 5 – Você não precisa de lingerie pra ser capaz de qualquer coisa

SEXTA-FEIRA, 18 DE JANEIRO DE 2013

VOCÊ NÃO PRECISA DE LINGERIE PRA SER CAPAZ DE QUALQUER COISA



Uma leitora me enviou este comentário com uma pergunta:



"Lola, acho que tô ficando paranoica, rrsrsrs. Venho acompanhando seu blog desde que vi a matéria no *Diário do Nordeste* e tenho mudado um pouco minha visão. Mas o que queria falar é que passando pela rua vi o outdoor desta campanha (acima). Mesmo que a campanha incentive a [moda plus size](#) achei estranho de cara a frase 'Você não imagina do que uma Duloren é capaz' -- como se só por causa da lingerie é que aquela mulher gordinha poderia atrair a atenção de um homem tão bonito e ainda segurando um buquê de rosas! Só mesmo uma lingerie para fazer algo tão impossível! O que você acha? Exagerei, né?"



Fico muito feliz em te fazer paranoica! Então, nada como o contexto pra nos dar mais base pra opinar. A Duloren é uma marca de lingerie que tem na tentativa de fazer polêmica a base de toda a sua propaganda. Lembro muito bem de um anúncio da década de 80 em que uma mulher prestes a ser estuprada pedia a legalização do aborto ([aqui um belo](#) guest post sobre esse anúncio).



As pessoas mais jovens talvez se recordem apenas de quando, em meados de 2011, a marca tentou contratar Bolsonaro, o deputado federal ultra-reaça, pra ser seu garoto-propaganda. A princípio queriam que ele posasse ao lado de uma mulher transexual, a BBB Ariadna. Como o tudofóbico deputado se recusou, ficou a proposta de posar com uma mulher cis (identificada como mulher desde seu nascimento). A repercussão negativa foi enorme -- você compraria uma calcinha usada do Bolsonaro? --, houve ensaios de boicote, e a Duloren desistiu do nobre deputado. Não seria a primeira vez que a marca teria feito propaganda transfóbica. Esta daqui (pela [minha busca](#), a peça é de 1995), mostra a carteira de identidade de Roberta Close, com seu nome de batismo. Então a Duloren é capaz de quê? De transformar homem em mulher? De querer que a linda Roberta fizesse essa transição? De -- terror dos homofóbicos -- enganar os homens héteros?



Esta também deve ser antiga, já que estrela o Ricardo Macchi antes da fama (e desastre irreparável) conseguida pelo Cigano Igor. Uma Duloren é capaz de fazer que um homem deixe que uma mulher monte nele, já que o natural, dizem, é o oposto? É isso? Só assim pra uma mulher domar um homem?



Desde essa época, o slogan é o mesmo: "você não imagina do que uma Duloren é capaz". Nesse anúncio do ano passado que [foi considerado](#) "racista, machista e apelativo" pelo Conar, e tirado de circulação, uma moça negra segura o quepe de um policial detonado das tropas de pacificação das favelas. Confesso que até agora não tenho opinião formada sobre essa peça. É outra que domou um macho graças a sua lingerie?



Esta tem um sujeito assistindo TV e uma mulher de lingerie se preparando pra invadir o recinto (ou não? Ela está saindo?). A chamada: "Só Jesus é fiel", que realmente não faço a mínima ideia do que quer dizer. O cara é crente? Ele não foi fiel a ela? Ela não foi fiel? Ela está pensando em trocar de parceiro? Tudo bem, ele não lhe dá atenção e prefere ver TV. Mas o que isso tem a ver com Jesus, fora querer atrair a ira divina?



No melhor (ou pior?) estilo Controvérsia Benetton, a Duloren também já fez propaganda jurando que a lingerie certa é capaz de unir judeus e palestinos.



De combater a pedofilia na igreja católica (*creio* que é isso que o anúncio quer dizer).



De aprovar o casamento gay. Quer dizer, desde que seja entre duas lésbicas dentro do padrão de beleza, daquelas que aparecem em todos os filmes pornôs para héteros.



De fazer o Cristo Redentor tapar os olhos pra lingerie que a freira usa embaixo do hábito. *Algo assim* (só consegui encontrar esta imagem pequena, o que deve querer dizer que a peça é antiga).



E a lingerie certa é capaz até de -- pasmem! -- limpar a Baía da Guanabara? Fazer um casal ter vontade de transar durante um passeio de pedalinho? Incentivar o leitor da revista a afogar o cisne? Um doce pra quem interpretar que diabo esse anúncio quer dizer.



Então, querida leitora, isso da Duloren ser capaz de realizar as fantasias mais doidas é o mote oficial da marca. Sim, um anúncio desses parece legal [pras gordinhas](#) (e sem dúvida foi feito pra vender roupa íntima pra gente), mas, no contexto, o que ele diz é: "Se um homem lhe oferecer flores, sua gorda que não merece receber nem bom dia de homem, isso é Duloren". Talvez eu esteja confundindo slogans, mas, enfim, a peça é gordofóbica. Morra, Duloren.



Mas a marca já fez pelo menos um anúncio que eu considero empoderador. Foi este, pra um [Dia Internacional](#) da Mulher qualquer. Claro que a Duloren tem infinitamente

mais interesse em vender lingerie que em ser contra estupro, racismo, preconceito, e outros assuntos que a própria marca já utilizou descaradamente em sua publicidade.



Agora, quer saber o que eu acho de lingerie? Basicamente o mesmo que acha a Caitlin Moran, [feminista britânica](#) autora do bestseller *Como Ser Mulher*:



“Quando o assunto é sexo, você realmente precisa se lembrar de que os homens são criaturas abençoadas que sabem perdoar. Eles não se importam com o tipo de calcinha que você usa. Uma vez que sua calcinha foi para o bebeléu, você podia muito bem ter usado um saco de supermercado com buraco para as pernas, porque isso não faria com que eles perdessem o estímulo. *Há homens por aí transando com bicicletas*. Eles não se incomodam nem um pouco com o fato de você estar usando calcinha ou não” (pg 75).

Mas vamos continuar fingindo que lingerie sexy é capaz de qualquer coisa, Duloren.